

Ana Cristina de Barros Martins

Estilos de vida dos adolescentes
e seus comportamentos desviantes e/ou delinquentes

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2015

Ana Cristina de Barros Martins

Estilos de vida dos adolescentes
e seus comportamentos desviantes e/ou delinquentes

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2015

Ana Cristina de Barros Martins

Ass. _____

Estilos de vida dos adolescentes
e seus comportamentos desviantes e/ou delinquentes

Dissertação de Mestrado apresentado
à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
da UFP como parte dos requisitos necessários para
obtenção do grau de Mestrado em Psicologia Jurídica,
sob orientação da Professora Doutora Sónia Caridade

Resumo

A delinquência juvenil representa um problema social em crescimento e é influenciada por um conjunto de fatores de risco muitas vezes presentes no estilo de vida dos jovens. Desta forma, a pertinência deste estudo foca-se na compreensão dos estilos de vida dos jovens e os comportamentos desviantes ou delinquentes para melhor compreender e intervir no combate à delinquência. A amostra foi constituída por 80 participantes de ambos os sexos pertencentes à localidade de Ponte de Lima. Para tal recorreu-se à administração de um questionário, construído para o efeito, e o qual contempla itens para a caracterização sociodemográfica dos participantes, o seu funcionamento escolar/ocupacional e familiar, o estilo de vida e a ocupação de tempos livres e, por último, procura-se caracterizar a frequência da prática de certos comportamentos e desvios por parte dos adolescentes, nos últimos 12 meses. Os resultados deste estudo demonstraram que apesar da maior parte dos jovens se revelarem satisfeitos com o seu ambiente familiar, uma percentagem não negligenciável caracterizou esse ambiente como razoável, apelando à necessidade de haver mais tempo para a família e mais diálogo. Os relatos dos participantes apontam para a ausência de supervisão parental nas saídas à noite, falta de imposição de regras e tarefas diárias. A maior parte dos participantes classificou o ambiente escolar como razoável, admitindo a existência de alguns conflitos com colegas, professores e funcionários, falta de hábitos de estudo e atividades extracurriculares; a maior parte dos jovens admitiu realizar essencialmente atividades em grupos de pares, desde as saídas à noite como atividades de lazer; os comportamentos desviantes e delinquentes que mais se destacaram nos últimos 12 meses foram o envolvimento em agressões com colegas, professores e funcionários, o dano intencional de objetos de outra pessoa, e o *download* de filmes, músicas e documentos e o envolvimento em grupos de pares desviantes; os comportamentos delinquentes descritos foram a invasão em propriedades privadas, os furtos, e o tráfico de droga. O sexo masculino destacou-se na prática de crimes. Os dados

deste estudo apontam, assim para a necessidade de se apostar mais na prevenção precoce de comportamentos de risco, de forma a diminuir comportamentos desviantes ou delinquentes futuros.

Palavras-chave: Delinquência juvenil; Estilos de vida; Fatores de risco.

Abstract

Juvenile delinquency is a social problem growing influenced by a number of risk factors often present in the lifestyle of young people. Thus, the relevance of this study focuses on understanding the lifestyles of young people and deviant or delinquent behavior to better understand and intervene in the fight against crime. The sample consisted of 80 participants of both sexes belonging to the town of Ponte de Lima. He appealed to the administration of a questionnaire that is organized into five groups of questions: socio-demographic information of the participants, analysis of school functioning / occupational, family functioning of the participants, the lifestyles and the occupation of free times of adolescents, finally, seeks to characterize the frequency of the practice of certain behaviors and deviations by adolescents in the past 12 months. The results showed that although the majority of young people are satisfied with their family environment, yet another largely characterized this environment as reasonable, and there may be more time for family and more dialogue. There was also a lack parental supervision outputs the evening, lack of enforcing rules and daily tasks. Within the school environment the majority rated it as fair, with some conflicts with classmates, faculty and staff, poor study habits and extracurricular activities. Within the social context most young people do activities in peer groups, from evenings out as leisure activities. Deviant behavior and offenders who stood out in the last 12 months have been engaging in aggression with peers, faculty and staff, intentional damage to objects of another person, and to download movies, music and documents and involvement in peer groups deviant. Behaviors offenders were described the invasion on private property, theft, and drug trafficking. The men stood out in the commission of crimes which females. Finally, they must do more early prevention of risky behaviors, in order to reduce deviant behavior or future offenders.

Keywords: juvenile delinquency; lifestyles; risk factors.

Dedicado à minha família
especialmente aos meus queridos pais e avós

“São os passos que fazem os caminhos.”

Mário Quintana

Agradecimentos

Pretendo demonstrar em breves palavras o meu especial agradecimentos a algumas pessoas que me ajudaram nesta etapa da vida.

Primeiramente agradeço à Universidade Fernando Pessoa e seus representantes, nomeadamente a alguns docentes que me proporcionaram momentos de amizade, cumplicidade e cooperação desde a minha licenciatura. Não esquecendo todo o conhecimento científico que obtive essenciais para a minha formação académica durante estes cinco anos de trabalho.

À Professora Doutora Sónia Caridade, uma excelente docente que felizmente tive o prazer de conhecer e trabalhar em conjunto, sempre se mostrou disponível para ajudar, dando recomendações, conselhos e encorajamentos que se tornaram fulcrais para a conclusão da minha Licenciatura em Criminologia e agora do meu Mestrado em Psicologia Jurídica.

À minha supervisora a Dr. ^a Paula Ramos presidente da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens da Maia pela amizade, cumplicidade, confiança que me proporcionou desde o primeiro dia dos meus dois estágios que lá passei. Uma amiga que ficará para sempre.

Ao meu amigo Cristiano Nogueira por todo o apoio que me proporcionou durante estes anos e à nossa família Homus que me ofereceu momentos inesquecíveis junto de pessoas incríveis e amáveis que jamais serão esquecidas.

Ao meu namorado João Luís pelo companheirismo, amor e amizade e por todos os momentos bons que passamos durante estes cinco anos na UFP.

O meu maior agradecimento, que se torna tão especial, é dirigido aos meus familiares, nomeadamente aos meus queridos pais António e Manuela que tanto lhes devo e me apoiaram sempre durante este tempo. Aos meus amáveis avós Madalena e Domingos pelo seu carinho e amor e à minha adorada tia Rosa que sempre me recebeu de braços abertos em todas as ocasiões, pela constante

preocupação que demonstrava comigo e pela companheira que se tornou nos momentos mais solitários.

Nasci num berço de ouro, junto de pessoas maravilhosas que me transmitiram valores que levo comigo para a vida.

Muito obrigada a todos!

Índice

Resumo	V
Abstract.....	VII
Agradecimentos.....	XI
Índice de Siglas.....	XV
Índice de Tabelas.....	XVI
Índice de Anexos.....	XVII

Introdução	1
------------------	---

Parte A – Componente teórica-conceptual

Capítulo I – Estilos de vida e comportamentos desviantes e ou/delinquentes

1. Definição de conceitos	
1.1. Adolescência e juventude.....	4
1.2. Comportamentos desviantes e delinquentes: Definição de conceitos e enquadramento legal....	6
1.3. Estilo de vida.....	10
2. Dados estatísticos sobre a extensão da delinquência juvenil em Portugal.....	11
3. Fatores de risco da delinquência juvenil.....	13
4. Estilos de vida juvenis e comportamentos desviantes/delinquente.....	18
5. Prevenção dos comportamentos desviantes/delinquentes e formas de controlos sociais.....	23
5.1. A importância da prevenção no combate aos comportamentos desviantes e delinquentes.....	23
5.2. O papel da polícia e outros profissionais da área social na prevenção e controlo dos comportamentos desviantes e delinquentes.....	27

Parte B – Componente Empírica

Capítulo II – Estudo empírico

1. Objetivos geral e específicos	33
2. Método	33
2.1.Amostra	34
2.2.Materiais.....	36
2.3.Procedimento	37
2.4.Análise dos dados	39
3. Apresentação dos resultados.....	39
3.1.Caraterização do estilo de vida dos participantes.....	39
3.1.1. Em termos de funcionamento escolar/ocupacional.....	39
3.1.2. Em termos de funcionamento familiar.....	42
3.1.3. Em termos de funcionamento social e individual.....	46
3.2.Caraterização dos comportamentos desviantes e/ou delinquentes dos adolescentes nos últimos 12 meses.....	59
3.3.Caraterização dos comportamentos desviantes e delinquentes dos adolescentes em função do sexo.....	61
4. Discussão dos resultados.....	63
5. Conclusão.....	75
6. Referências	77
7. Anexos.....	94

Índice de siglas

CPCP – Center for Disease Control and Prevention

DGRSP – Direção geral de reinserção serviços prisionais

GNR – Guarda Nacional Republicana

IGS – Índice Geral de Sintomas

LTE – Lei tutelar educativa

MAI – Ministério Administração Interna

ME – Ministério Educação

MP – Ministério Público

ONU – Organização das Nações Unidas

PES – Programa Escola Segura

PSP – Polícia de Segurança Pública

RASI – Relatório Anual de Segurança Interna

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

Índice de tabelas

Tabela 1. Caraterização sociodemográfica da amostra

Tabela 2. Reprovações e atividades extracurriculares

Tabela 3. Situação escolar

Tabela 4. Relações e atividades em família

Tabela 5. Imposição de regras e atividades

Tabela 6. Atividades desportivas e religiosas

Tabela 7. Atividades em família e lazer

Tabela 8. Locais de saídas à noite

Tabela 9. Horários de dormir

Tabela 10. Experiências e consumos

Tabela 11. Alimentação

Tabela 12. Problemas de saúde

Tabela 13. Frequência de consumos dos alimentos

Tabela 14. Avaliação de afirmações

Tabela 15. Comportamentos desviantes e delinquentes

Tabela 16. Comparação de comportamentos desviantes admitidos por rapazes e raparigas

Tabela 17. Comparação dos comportamentos desviantes admitidos por rapazes e raparigas

Índice de anexos

Anexo A – Questionário sobre estilos de vida e comportamentos desviantes e/ou delinquentes dos jovens

Anexo B – Pedido de colaboração à Camara Municipal de Ponte de Lima

Anexo C – Pedido de consentimento informado aos pais/tutores dos menores

Anexo D – Pedido de consentimento informado juntos dos jovens com idades superior ou igual a 18 anos

Introdução

A adolescência constitui uma fase de transformações individuais e sociais para o jovem, em que este pode desenvolver estilos de vida que potenciem o risco para a adoção de comportamentos delinquentes (Ferreira, 1997).

Foi durante o século XIX que se deu origem ao termo de “juventude” caracterizado por um período de vida com características próprias diferentes da idade adulta mas só no século XX é que os juristas dos E.U.A. resolveram criar tribunais especiais para julgar os menores acusados de terem cometido um crime (Vieira, 2014).

O conceito do termo de delinquência juvenil teve origem em Inglaterra em 1815, quando duas crianças com idades entre os oito e os doze anos foram condenadas à morte (Bolsanello & Bolsanello, 1991, citado por Vieira, 2014) e o seu aparecimento surgiu nos séculos seguintes através de uma construção gradual de um conjunto de regras e normas que mais tarde deram origem às leis.

O tema da delinquência juvenil é estudado desde há várias décadas, emergindo várias teorias, desde as biológicas, psicológicas e sociais que procuram identificar as causas da delinquência, no entanto continua a de ser um tema atual e que tem motivado inúmeros estudos neste âmbito.

O conhecimento do estilo de vida dos adolescentes e das suas rotinas diárias parece ser essencial para a diminuição de comportamentos de risco e para o incremento de oportunidades de desenvolvimento dos jovens. Apesar da vertente da delinquência juvenil já ter sido estudada através da identificação de vários comportamentos de risco continua a prevalecer uma lacuna na compreensão do estilo de vida que o adolescente opta que o pode levar mais facilmente pelo mundo da delinquência juvenil (Duchare, Cruz, Marinho, & Grande, 2012).

Neste sentido, o conceito de estilo de vida é percebido neste estudo um como conceito multidimensional, que engloba a interação de diferentes dimensões do funcionamento do adolescente, incluindo por exemplo, as dinâmicas do seu funcionamento familiar, a forma como ocupa os seus tempos, o seu funcionamento escolar e social.

É neste sentido que incide a pertinência deste estudo pois, como já foi referido, apesar de ser um tema bastante explorado continua a ser uma problemática atual e com tendência a crescer, sendo que é necessário identificar os fatores de risco associados ao estilo de vida do jovem de forma a perceber se existe ou não uma ligação entre o mesmo e a delinquência. Desta forma, a realização deste estudo ao identificar os fatores de risco associados ao estilo de vida do jovem irá permitir contribuir para o desenvolvimento de futuras medidas preventivas neste campo em diferentes níveis de intervenção e contribuirá também para a identificação precoce de subgrupos adolescentes com maior propensão para a delinquência.

A primeira parte deste estudo começa por dar ênfase ao enquadramento concetual e teórico, abordando temas como a adolescência e juventude, comportamentos desviantes e delinquentes, dados estatísticos da delinquência juvenil, fatores de risco, estilos de vida dos jovens e a prevenção da delinquência através do controlo formal e informal.

A segunda parte deste estudo remete-se para a componente empírica do estudo, nomeadamente a apresentação dos objetivos geral e específicos, o método, os participantes, os instrumentos e procedimentos utilizados e por fim a apresentação e discussão dos resultados.

Para concluir, apesar de ser um estudo apenas de carácter descritivo os resultados verificaram que existem vários fatores associados ao estilo de vida dos jovens que os podem levar a um maior risco de envolverem-se por comportamentos desviantes e até delinquentes, tais como: o consumo de álcool e outras drogas, associação a um grupo de pares antissociais, práticas parentais inadequadas e mau ambiente na escola. Verificou-se também que o sexo masculino envolve-se mais crimes do que o sexo feminino.

Parte A

Componente teórica-conceptual

Capítulo I – Estilos de vida e comportamentos desviantes e ou/delinquentes

1. Definição de conceitos

1.1. Adolescência e Juventude

A adolescência é uma fase de transformações individuais e sociais para os jovens, em que este pode desenvolver estilos de vida que podem ser prejudiciais ou não para o seu desenvolvimento, nomeadamente na adoção de comportamentos desviantes e até mesmo delinquentes (Ferreira, 1997).

Por outro lado, as Nações Unidas (2005) referem que a adolescência assume um papel acima de tudo biológico que vai dos 10 aos 19 anos e divide-se em duas fases: a pré- adolescência (10 aos 14 anos) e a adolescência propriamente dita (15 aos 19 anos), sendo que é nesta última fase que há uma aceleração do processo no desenvolvimento cognitivo e na construção da personalidade.

O conceito de adolescência é bastante moderno pois a sua definição nem sempre existiu ao longo da história e desde os tempos antigos até agora o seu significado passou por diversas transformações desde o seu carácter psicológico, social, antropológico e até mesmo biológico (Paiva, 2012).

No século XXI, a adolescência tem sido vista como um problema e uma fase de crises e turbulência mas também de liberdade, festividade, descobertas e decisões. É importante que as instâncias de controlo informal (pais, amigos, outros familiares) estejam atentos aos sinais dados pelos adolescentes de forma a conseguirem dar resposta e ajudar o jovem a realizar um projeto de vida futuro e a envergar por trajetórias de vida normativas (Faria & Leão, 2004).

Existem assim algumas diferenças entre o conceito de juventude e o termo de adolescência que é essencial reter. Normalmente os psicólogos usam o termo adolescência quando querem descrever ou apontar os processos que marcam esta fase de vida (e.g., a puberdade, mudanças emocionais, mudanças de comportamento) (Freitas, Abramo, & León, 2005).

Por outro lado, os sociólogos usam o termo juventude quando se querem referir a uma categoria social como a geração no contexto histórico, como atores no espaço público ou segmento da própria população (Freitas et al., 2005).

O aparecimento do termo juventude emergiu como um movimento social e cultural dos anos 60, sendo foco de atenção por diversas áreas como a psiquiatria e a psicologia. Hoje em dia, é também foco de interesse pela sociologia e pela antropologia uma vez que se debruçam sobre a adolescência e as modificações corporais que esta acarreta, principalmente na faixa etária dos 12-15 anos (Teixeira, 2012).

O conceito do termo juventude está associado a vários fatores, tais como a faixa etária, a um período de vida específico, a um contingente social, a uma categoria social e até mesmo a uma geração. No entanto, todos estes fatores acabam por se interligar à extensão da fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade. Por outro lado, o termo de juventude associa-se a uma fase de transição em que os marcos etários que são usados para falar deste período de vida específico estão também sob referência para análises demográficas e definição de políticas públicas, em que estas variam de país para país e instituição para instituição (Freitas et al., 2005)

A categoria da juventude centra-se numa problemática específica que é a identidade sociocultural orientada pela idade do jovem sendo esta gerada por fatores endógenos ou exógenos ao seu grupo social. Este processo de atribuição/aceitação da identidade inclui também uma aceitação/negação de comportamentos, concepções políticas, atitudinais, culturais e económicas por parte do tal grupo a que pertence. Assim pode concluir-se que é também uma situação social pois o grupo a que o sujeito pertence começa a ter influência nos seus anos de formação e socialização (Santana, 2011).

O jovem busca desenvolver a sua identidade com base na segurança e autoestima e é aí que surge o espírito de grupo, em que o jovem tende a inserir-se num processo de identificação com os amigos que constituem o seu grupo e a partir daí constroem o seu estilo de vida. Por outro lado é nestas fases

que começa o processo de desenvolvimento moral em que este adquire valores e ideais como a justiça, a liberdade e a equidade. O papel da família, do meio social e do grupo de pares em que estão inseridos é fulcral na prevenção de comportamentos desviantes dos jovens em tenras idades. Quando existe uma falha no processo de desenvolvimento moral, o jovem mais tarde pode vir a desenvolver comportamento delinquentes típicos dessa idade (Sousa, 2006).

1.2.Comportamentos desviantes e delinquentes: Definição de conceitos e enquadramento legal

A definição de delinquência emerge através de um conjunto de leis, práticas e crenças associados ao comportamento das crianças e jovens, tendo as instituições de controlo formal um papel importante no controlo, tratamento e prevenção de comportamentos considerados delinquentes e não delinquentes como problemas juvenis típicos da idade (Ferreira, 1997).

O conceito de delinquência implica a prática de um comportamento tido como um crime cometido pelo jovem. Apenas quando o mesmo não tem idade (abaixo dos 12 anos) é que não pode ser responsabilizado por ele, outros são apenas atos desviantes como, por exemplo, o consumo de drogas em idades não apropriadas (Ferreira, 1997).

A desviância é uma transgressão à normal social e a delinquência não passa de uma forma de desviância porque é constituída por atos que transgridem as normas que são sancionados e se podem manifestar de várias maneiras, como furtos e roubos, fraudes e violências e tráficos ilícitos (Cusson, 2007).

Os comportamentos desviantes ocorrem principalmente na fase da adolescência, sendo que são adquiridos por muitos jovens como uma forma de lidarem com certos conflitos típicos desta fase desenvolvimental. Os comportamentos desviantes incluem, assim, a forma transgressiva das condutas dos jovens no meio social em que se inserem que se pode traduzir num comportamento social e delinvente. O comportamento antissocial refere-se a uma infração das normas e leis impostas pela

própria sociedade que não tem necessariamente de serem legais. Por outro lado, o delinquente que comete uma infração legalizada como crime é penalizado com uma sanção penal (Pral, 2007).

O processo de construção social da delinquência juvenil surge através do aparecimento de regras e normas informais ao longo dos séculos, sendo que a fase principal da mudança na história começa com a importância do estudo da fase da infância como etapa importante na construção da personalidade do jovem adulto que o pode influenciar para mais tarde se tornar num delinquente. Desta forma, os crimes cometidos por menores, que embora fossem sujeitos às mesmas leis que os adultos, passaram a não ter a totalidade da responsabilidade criminal sendo impostas penas atenuadas ou até perdoadas. Apenas quando surgiram as primeiras instâncias de controlo formal, desde instituições a centros educativos, vocacionadas para tratar de casos de delinquência juvenil é que se deu a consagração institucional. A responsabilidade penal difere da gravidade do crime cometido, os mais graves infringem valores institucionais e sociais, outros menos graves constituem uma ameaça por interferirem na vida dos outros justificando-se a intervenção legal (Ferreira, 1997).

Segundo o Código de Direito de Menores português, o estado adequou um modelo de proteção perante menores infratores, tendo este modelo a finalidade de educar e reeducar o menor. No entanto este modelo protecionista entrou em desuso pois regia-se apenas pela ideia errada de que seria possível dar resposta da mesma maneira a problemas amplos como o abandono do menor pela família, a prática de crimes cometidos pelos mesmos. Assim surgiu a necessidade de diferenciar estas duas finalidades de intervenção tutelar de proteção e as finalidades da intervenção educativa (Santos, 2010).

Por outro lado, destacou-se também a necessidade de aprofundar a efetivação de direitos fundamentais do menor como o direito à autodeterminação (Santos, 2010).

Em Portugal vinculou-se a alguns instrumentos internacionais como a Convenção dos Direitos da Criança de 1990, as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça de Menores – Regras de Beijing, as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Elaboração de Medidas

não privativas da Liberdade – Regras de Tóquio, as diretrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil – Regras de Piade e as Regras das Nações Unidas para a Proteção de Jovens Privados da Liberdade – regras de Havana. A nível de conselho da Europa destacam-se duas principais recomendações de 1987/88 como a Resolução R (87) 20 – Reações Sociais à Delinquência Juvenil; e a Resolução (88) 6 – Reações Sociais ao comportamento delinquente dos jovens de famílias imigrantes (Santos, 2010)

Foi a partir do ano de 1990 que se desencadeou em Portugal uma mudança significativa no sistema judicial juvenil dando lugar a uma nova etapa de distinção entre os jovens que cometem crimes, e os jovens que precisam de proteção, destacando-se a emergência de duas leis: A Lei nº 166/99 de 14 de Setembro que aprovou a Lei Tutelar Educativa (LTE) e a Lei nº 147/99 de 1 de Setembro que aprovou a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (Perista, Cardoso, Silva, & Carrilho, 2012).

Contudo, apesar de haver uma grande diferenciação legal entre ambas, elas atuam em articulação pois normalmente os jovens que cometem atos ilícitos também estão sujeitos a situações de perigo. Por outro lado, destaca-se a Lei nº133/78 de 27 de Outubro na parte dos processos tutelares cíveis, referindo o artigo 148º que todas as decisões que impliquem a aplicação de medidas tutelares, desde cívicas como as de proteção devem ter suprema atenção ao Superior Interesse da Criança (Perista, Cardoso, Silva, & Carrilho, 2012).

Por outro lado, segundo a Procuradoria Geral Distrital de Lisboa deu-se em Portugal recentemente uma alteração da Lei Tutelar Educativa na Lei nº4/2015 desde 15 de Janeiro em anexo à Lei nº166/99 de 14 de Setembro em que a Assembleia da República decreta nos termos da alínea c) do artigo 161º da constituição várias mudanças, tais como: Artº 14 nº4 – O juiz deve em todos os casos procurar a adesão do menor ao programa de tratamento, sendo necessário o consentimento do menor quando tiver idade superior a 12 anos; Artº 16 nº1 – A medida de acompanhamento educativo tem a duração mínima de 3 meses e máxima de 2 anos, contados desde a data do trânsito em julgado da

decisão homologação judicial prevista nº 3; Artº 17 alínea b) Ter o menor idade igual ou superior a 14 anos à data de aplicação da medida; Artº 18 Alínea 1 – A medida de internamento em regime aberto e semiaberto tem duração mínima de 6 meses e a máxima de 2 anos; Artº 22 Alínea 1 - O tribunal associa à execução de todas as medidas tutelares, sempre que for possível e adequado a fins educativos visados, os pais ou outras pessoas de referência para o menor, familiares ou não; Alínea 3 – Na ausência de qualquer pessoa de referência, o tribunal associa uma entidade de proteção social à execução de medidas tutelares educativas.

As medidas tutelares educativas classificam-se em institucionais e não-institucionais, sendo a primeira relativa ao internamento do menor num centro educativo, podendo a medida ser cumprida em regime aberto, semiaberto e fechado; e a segunda é mais ampla consistindo na: a) admoestação; b) privação do direito de conduzir ciclomotores ou obter permissão para conduzir ciclomotores;

c) reparação ao ofendido; d) realização de prestações económicas ou de tarefas a favor da comunidade; e) imposição de regras de conduta; f) imposição de obrigações; g) frequência de programas formativos ; e h) acompanhamento educativo estabelecido no Artº 4 da Lei Tutelar Educativa. Assim o tribunal escolhe a medida a ser aplicada, devendo ter pouca intervenção na vida da criança ou jovem (Reis, 2014).

Constituindo a delinquência juvenil um fenómeno cada vez mais presente na sociedade, a pesquisa sobre as suas causas e consequências ganha enfoque por vários profissionais de forma a dar respostas preventivas e interventivas nos comportamentos antissociais que persistem e se agravam com o tempo. Atualmente a delinquência juvenil deixou de ser vista como um acontecimento estático no tempo e é encarada como um problema social (Negreiros, 2001).

A delinquência juvenil atinge dimensões sérias e preocupantes uma vez que nos últimos anos as taxas de criminalidade nos mais jovens têm aumentado através de crimes de maior intensidade, persistência e precocidade (Pral, 2007).

1.3. Estilo de vida

O conceito de estilo de vida é percebido como um conceito multidimensional, que engloba a interação de diferentes dimensões do funcionamento do adolescente, incluindo por exemplo, as dinâmicas do seu funcionamento familiar, a forma como ocupa os seus tempos, o seu funcionamento escolar e social, motivo pelo qual no estudo que apresentaremos no próximo capítulo procuramos explorar estas diferentes dimensões (Duchare, Cruz, Marinho, & Grande, 2012).

2. Dados estatísticos sobre a extensão da delinquência juvenil em Portugal

Segundo o Relatório Estatístico Anual da Direção Geral de Reinserção Social, 2013 a caracterização dos jovens em medidas tutelares educativas aumentou, verificando-se cerca de 3.577 medidas a nível de processo tutelar educativo aplicadas no ano 2013, sendo que 2.550 (86%) eram do sexo masculino. Relativamente às idades, os 16 anos foram os mais dominantes (24%), 20% tinham 17 anos e 10% tinham 18 anos. Relativamente à nacionalidade cerca de 10% eram de nacionalidade estrangeira, 70% oriundo de países africanos como Cabo Verde e Angola com 216 medidas tutelares educativas aplicadas, cerca de 20% eram oriundos da América, cerca de 9% era de países da Europa e apenas 1% da Ásia. Relativamente à tipologia de crimes registados cerca de 2969 jovens corresponderam a 6079 crimes e ocorrências registadas. Os crimes contra o património destacam-se com 46% que equivale a 2.851 crimes, na subcategoria contra a propriedade (roubos e furtos). Seguem-se os crimes contra pessoas com 44% que equivale a 2.669 crimes, destacando-se a subcategoria dos crimes contra a integridade física e os crimes de ofensas à integridade física simples e grave. Apenas com 4%, destacam-se os crimes contra a vida em sociedade com 216 casos, crimes contra o estado representam 1% com 41 crimes e cerca de 5% com 302 crimes em legislação avulsa. Relativamente

aos 10 tipos de crimes mais registados no ano de 2013, predominam os roubos e furtos com 1.875 crimes (31%) (DGRS, 2013).

Segundo o Relatório Anual de Segurança Interna, 2014, no âmbito do programa “escola segura” as forças de segurança pública (GNR e PSP) registaram um total de 6.693 ocorrências em contexto escolar, das quais 73% foram de natureza criminal, verificando-se um aumento de 5% em relação ao ano anterior. As ocorrências de natureza criminal no interior da escola aumentaram de 2.999 em 2012/13 para 3.324 em 2013/14 e as ocorrências de natureza criminal ocorridas no exterior da escola aumentaram de 1.490 em 2012/13 para 1.530 em 2013/14 sendo que no total as ocorrências de natureza criminal foram de 4.489 nos anos de 2012/13 e 4.854 nos anos de 2013/14. Relativamente ao tipo de crime mais comum registado pelas PSP e GNR foi 1.665 casos de ofensas corporais, 1.220 casos de furto, 609 casos de injúrias e ameaças, outros 351 casos, 287 roubos, 256 casos de vandalismo/dano, 142 casos de ofensas sexuais, 119 casos de posse e consumo de drogas, 72 casos de posse/uso de arma e 22 casos de ameaça de bomba. As áreas geográficas que apresentam maiores registos criminais em contexto escolar foram a área de Lisboa com 2.880 casos seguidas do Porto com 1.171 casos. Relativamente à atividade grupal, sendo aquela que é cometida juntamente com mais dois ou três indivíduos houve uma diminuição de 3% (-165 casos).

O Relatório Anual de 2013, o qual retrata a situação do país em matéria de drogas e toxicodependências, indica que entre o ano 2007 e o de 2012, a população jovem adulta (15-34 anos) apresentou uma taxa de consumo de substâncias mais elevada ao longo da vida, de consumos presentes e taxas de continuidade de consumos mais elevadas do que a população total. Cerca de 0.7% da população geral dos 15-64 anos e 1.2% da população jovem adulta apresentava sintomas de dependência de consumo de cannabis nos últimos 12 meses. Dentro do contexto escolar, o consumo de drogas aumentou desde os anos 90, diminuindo gradualmente nos anos 2006 e 2007 e voltando a aumentar significativamente nos anos 2010 e 2011 alertando estes valores uma necessidade urgente de intervenção. Entre os anos 2010 e 2011, o cannabis continuou a ser a droga mais consumida sendo que

a sua prevalência ao longo da vida variou entre os 2.3% nos alunos de 13 anos e 24.7% nos alunos de 18 anos com valores próximos à prevalência de consumos de qualquer droga (entre 4.4% nos alunos de 13 anos e 31.2% nos alunos de 18 anos). Seguem-se outras drogas com taxas de prevalência de consumo ao longo da vida bastante inferiores ao cannabis, a cocaína, o ecstasy e as anfetaminas entre os alunos mais novos e as anfetaminas, LSD e ecstasy entre os alunos mais velhos. Apesar do consumo de drogas ter aumentado bastante entre os anos 2006/07 até 2010/11 principalmente no consumo do cannabis mas também de outras drogas como LSD a prevalência de consumos entre alunos de 13-15 anos mantem-se aquém das registadas em 2001 e 2003. A amplitude de consumos no fim de idades em estudantes com 16 anos aumenta seriamente o risco associado ao consumo regular de drogas estando os alunos portugueses mais arriscados nesse consumo do que a média europeia. Estes números são preocupantes uma vez que os consumos de drogas em idades cada vez mais precoces se não forem devidamente tratadas tendem a ter continuação na vida adulta podendo tornar-se em jovens marginais sem perspectivas de futuro e até mesmo em criminosos sendo cada vez mais necessário atuar a nível de prevenção primária (SICAD, 2014).

3. Fatores de risco e proteção da delinquência juvenil

A identificação dos fatores de risco ajudam a prever a probabilidade de um jovem vir a tornar-se delinquente, como por exemplo, as crianças que apresentam fatores como a falta de supervisão parental podem vir a desenvolver mais tarde um comportamento desviante associado a um maior risco de delinquir (Farrington, 2009).

Os fatores de risco para a delinquência são um conjunto de variáveis que predispõe a um comportamento delinquente no jovem, estando eles divididos em fatores individuais (e.g., temperamento, impulsividade, agressividade), fatores escolares (e.g., baixo rendimento escolar, suspensão ou expulsão, falta de vínculo com os professores), fatores familiares (e.g., negligência

parental, falta de supervisão parental, comportamentos aditivos por parte dos pais) ou associação a grupos de pares antissociais (Debarbieux & Blaya, 2002).

Apesar de alguns fatores de risco serem comuns em muitos jovens delinquentes, a sua combinação deriva de criança para criança. A maior parte dos profissionais concorda que os fatores de risco mais importantes são os fatores individuais (e.g., complicações no parto, hiperatividade, temperamento) e fatores familiares (e.g., comportamento antissocial dos pais, abuso de substâncias e fracas práticas educacionais infantis). No entanto, conforme a criança se desenvolve e se integra na sociedade vão aparecendo novos fatores de risco, relacionados com a própria comunidade, a escola e o grupo de pares (Wasserman, Keenan, Tremblay, Cole, Herrenkohl, Loeber, & Petechuk, 2003).

Um estudo realizado por Latimer, Kleinknecht, Hung e Gabor (2003) teve como objetivo identificar a correlação entre a delinquência juvenil e a idade dos jovens entre os 12 e os 15 anos. A amostra implicou cerca de 1.659.105 jovens canadianos. O resultado deste estudo comprovou que cerca de 540 mil jovens admitiu que pelo menos cometeu um ato criminoso no ano anterior, sendo os crimes mais frequentes o “roubo aos pais”, “roubo em lojas/escola” e “dano a propriedade”. Verificou-se ainda que os jovens delinquentes usavam mais frequentemente o consumo de drogas do que os não delinquentes. Relativamente à delinquência de género o número percentual era mais alto no sexo masculino com 43%. A nível de categorias de infrações violentas e sexuais, os participantes de género masculino a admitem três vezes mais do que as raparigas a prática deste tipo de comportamentos delinquentes. As raparigas, contudo, destacam na admissão dos crimes de tráfico de droga e crimes contra a propriedade.

Ao nível de delinquência feminina verificou-se que o mau desempenho escolar, a exposição a um maior índice de vitimização por parte das jovens e a presença de práticas educacionais violentas e rígidas no seu meio familiar era fatores que aumentavam a delinquência. Por outro lado, verificou-se ainda que o consumo e tráfico de drogas constituem fatores de risco sérios e que influenciavam

negativamente os jovens no seu mau comportamento escolar, destruindo pertences próprios e dos colegas e faltas consecutivas às aulas associando-se também a um menor nível de acompanhamento dos pais (situações de negligência parental). Para terminar, este estudo concluiu que associado à agressão violenta estão vários fatores de risco, tais como: a escola, os colegas, a vitimização associada a práticas parentais desadequadas em detrimento da idade e a baixa autoestima (Latimer et al., 2003).

Outro estudo (Lemos, 2010) realizado na região sul de Portugal, tendo por base uma amostra de 63 adolescentes abrangidos pela Lei Tutelar Educativa, recorreu a vários instrumentos: Índice Geral de Sintomas (IGS) do Brief Symptom Inventory e aplicação de um instrumento de risco psicossocial para o comportamento antissocial na adolescência associado à tipologia de risco psicossocial estabelecida por Born, Chevalier e Humblet (1997) a taxonomia desenvolvimental do comportamento antissocial de Moffit (1993). Este estudo concluiu que os adolescentes oriundos de famílias em que os pais tem uma relação conflituosa entre eles tendem apresentar um índice de sintomas psicopatológicos muito superiores aos adolescentes que estão inseridos em famílias sem conflitos parentais. Contudo, no relato de psicopatologia não se estabeleceu grande diferença nos jovens com indicadores de acontecimentos negativos na infância (negligência, maus-tratos, separação de pais, institucionalizações) com os que não apresentavam indicadores negativos. No que diz respeito à situação jurídica dos menores verificou-se que 27% estavam sob aplicação de medida, e que 68% encontravam-se na fase final do cumprimento da medida tutelar educativa, 28.6% encontrava-se em medida de acompanhamento educativo, 33.3% dos adolescentes inquiridos nos seus processos de tutela parental ou situações de risco apresentavam casos de negligência parental e maus-tratos parentais (Lemos, 2010).

É igualmente importante identificar os fatores de proteção da delinquência que quando estão presentes reduzem a probabilidade do jovem reincidir no crime. Podem constituir fatores de proteção, a associação a grupos de pares normativos, relações parentais não conflituosas à base de diálogo e

compreensão, e o facto do adolescente não ter tido qualquer contacto com a justiça em idades precoces, como os 14 anos (Mcgregor, Gately, Kraemer, & Ressel, 2010).

Um outro estudo longitudinal (Farrington et al., 2012), procurou analisar os fatores de risco que poderiam aumentar a probabilidade dos jovens cometerem homicídios na vida adulta, verificando-se em escalas de risco iniciais que criminosos homicidas poderiam ter sido previstos através do seu comportamento em idades precoces. Este estudo mostrou que poderão existir fatores de risco presentes no início de vida que aumentam a probabilidade do jovem praticar violência letal na vida adulta, sendo necessário atuar sobre estes antecedentes.

O estudo teve como objetivo avaliar informações de relatos dos pais, professores, jovens e registos oficiais desde a fase da infância em que a criança ainda não terá cometido nenhum crime até à vida adulta em que se torna num criminoso homicida. A amostra foi constituída por 1.500 jovens do PYS (Estudo da juventude de Pittsburgh). Os resultados demonstraram que os fatores de risco mais fortes foram os ambientais em comparação aos fatores individuais (Farrington et al., 2012).

Verificou-se também que houve uma alta taxa de falsos positivos, cerca de 15 dos 37 criminosos homicidas (41%) estavam entre os 12% dos meninos que apresentavam três ou quatro fatores de risco. A suspensão escolar surge como um importante e forte preditor (78%). Outros fatores que apresentaram destaque foram: uma atitude positiva para a delinquência, distúrbio de comportamento disruptivo. Verificou-se uma clara evidência entre os níveis de risco comportamental e a probabilidade de se tornarem em criminosos. Os fatores comportamentais destacaram-se na predisposição para um futuro criminoso relativamente aos fatores explicativos. Outro fator foi os delitos de “roubo de veículos”, “transporte de armas” sendo que a prática de crimes violentos e consumo/tráfico de drogas previam futuros comportamentos criminosos homicidas. Verificou-se ainda que agressores em idades jovens, já eram criminosos versáteis (devido à variedade de infrações) antes de cometerem qualquer homicídio. No total, cerca de 57% foram condenados até aos 14 anos. Todas

as detenções de crimes contra a propriedade foram preditores significativos de criminosos homicidas juntamente com outro tipo de crimes como agressão simples e agravada, tráfico de armas, e ameaças (Farrington et al., 2012).

Em suma, neste estudo, a idade e o primeiro contacto com a justiça surgem como sendo os principais preditores do comportamento delincente, tendo-se verificado uma correlação notória entre os 14 anos e a probabilidade de se tornar num criminoso homicida, sendo que quanto maior for o número de detenções maior é a percentagem dos crimes letais. Além disso, neste estudo comprovou-se que com o passar dos anos, um aumento e acumular dos fatores de risco aumenta a probabilidade de a criança se vir a tornar num criminoso (Farrington et al., 2012).

Dias (2012) desenvolveu também um estudo para analisar os fatores de risco da delinquência, utilizando como variáveis: o grupo de pares, a impulsividade e o consumo de drogas. A amostra foi constituída por 108 jovens, 55 eram não delinquentes e 53 eram delinquentes a cumprir medida tutelar educativa em regime semiaberto. Os resultados deste estudo indicaram que os jovens delinquentes são mais impulsivos que os jovens não delinquentes: tem uma maior incidência no consumo de álcool, marijuana ou haxixe e drogas pesadas com os amigos. Relativamente à impulsividade, o estudo mostrou que os jovens com comportamento violento apresentavam maiores níveis de impulsividade dos que os que não tinham comportamentos violentos. Verificou-se ainda que os jovens mais impulsivos são mais suscetíveis à influência do grupo de pares. Contudo a influência do grupo de pares surgiu como sendo muito significativa tanto nos jovens delinquentes como nos jovens não delinquentes.

Por fim, a relação entre os fatores de risco e os comportamentos antissociais é notória uma vez que quanto mais impulsivo são os jovens mais eles tendem a praticar atos delituosos e quanto mais se associam a grupos de pares delinquentes maior a probabilidade de envergar por uma carreira criminal, focando que o primeiro comportamento adotado pelos jovens é o consumo de drogas.

4. Estilos de vida e delinquência juvenil

A sociologia funcionalista identificava a juventude como ideias normativas adequadas à condição juvenil e à estrutura social, sendo que a delinquência, o radicalismo e boémia eram vistos como atos antinormativos e anormais (Groppo, 2010).

A partir de 1970 concebeu-se à juventude como uma fase em que os jovens adotam um estilo de vida associado às suas características pessoais e formas de pensar próprias, e os comportamentos conflituosos dos jovens perante os valores sociais hegemônicos impostos passam a ser vistos como culturas juvenis ao invés de atos de rebeldia (Groppo, 2010).

Atualmente, os jovens representam uma tradição libertária na sociedade relacionada com o leque abrangente de informações, diversidade de experiências e possibilidades de consumo entrando por um mundo de “gozo sem limites”. Os comportamentos juvenis acarretam hoje uma liberdade imaginária desde os ideais dos anos 60/70 que se mantem no estilo de vida dos adolescentes nos dias de hoje. Eles sentem que tem o direito de conseguir novas conquistas e o dever de realizar os seus objetivos através de um sentimento de liberdade de quererem “gozar a vida” (Rocha & Garcia, 2008).

Segundo o *Center for Disease Control and Prevention*, 1965, existem seis comportamentos de risco relacionados com o seu estilo de vida, pondo em causa o seu desenvolvimento, a sua saúde e o seu bem-estar, tais como: 1) contributos que causem danos e violência não intencional; 2) uso de tabaco; 3) uso de álcool; 4) comportamentos sexuais desprotegidos que resultem em gravidezes involuntárias e doenças sexualmente transmissíveis; 5) comportamentos alimentares inadequados e insalubres; e 6) falta de exercício físico. Este tipo de comportamentos de risco para a saúde começam a ser desenvolvidos na infância e tendem a agravar-se na adolescência, sendo necessário intervir precocemente para ajudar o jovem a obter um estilo de vida que promova a sua saúde e desenvolvimento emocional e físico.

A forma como os adolescentes escolhem os seus hábitos de vida também está relacionada com o apoio que sentem por parte dos pais ao longo do seu desenvolvimento. Assim aqueles jovens que crescem sob práticas educacionais com regras e alguma disciplina tendem adotar menos comportamentos de risco comparativamente com aqueles adolescentes que possuem pais demasiado liberais e com pouca autoridade. O ajustamento do adolescente no meio escolar e psicossocial também depende do modelo educacional que os pais optam, sendo que os comportamentos com afetividade, comunicação familiar e práticas disciplinares são formas de aprendizagem adquiridas pelos jovens na sua formação (Newman, Harrison, Dashiff, & Davis, 2008).

Um estudo (Svensson & Pauwels, 2008) conduzido mediante a administração de dois inquéritos escolares em duas cidades diferentes da Bélgica (em Antwerp e Halmstad) teve como objetivo analisar o risco para a delinquência a partir do estilo de vida que o jovem infrator adota. Os resultados do estudo demonstraram que a propensão individual para o crime encontra-se correlacionada com os delitos cometidos em ambas as cidades; verificou-se também que as escalas de moralidade e de autocontrolo se encontravam positivamente correlacionadas com os crimes em ambas as cidades; verificou-se ainda que o estilo de vida que o jovem adota, assente na adoção de comportamentos de risco, se encontrava correlacionado positivamente com a prática de atos infratores em ambas as cidades. Neste último ponto, existem três construções que constituem um estilo de vida considerados de risco, que são: quanto maior for a participação dos jovens em espaços de diversão noturnos, quanto maior for a sua identificação com grupos de pares antissociais e quanto maior for a sua identificação com um estilo de vida anti normativo maior é o risco de eles envergarem por comportamentos delinquentes. Os resultados identificaram que a propensão do indivíduo para cometer crimes juntamente com o estilo de vida considerado de risco interagem significativamente na explicação dos crimes e ofensas graves em ambas as cidades estudadas. Desta forma, a adoção de um estilo de vida de risco parece ter um efeito fraco nos indivíduos que apresentam baixos níveis de propensão individual para o crime.

Por outro lado, há estudos (e.g., Collingwood, 1997) que procuram analisar a relação entre a prática de exercício físico e os comportamentos desviantes ou delinquentes nos jovens. Os programas que incidem sobre a importância da prática de exercício físico para prevenir comportamentos graves na adolescência ajudam o adolescente no aumento da autoestima, aumento do bem-estar, aumento da aquisição de competências de vida, aumento do desenvolvimento de valores, diminuição e prevenção da depressão e ansiedade. O adolescente através deste tipo de programas é desafiado a adotar comportamentos que favorecem a sua saúde física, social e psicológica, sendo a adolescência uma fase importante para o desenvolvimento de um estilo de vida saudável em que o jovem compreenda a importância da sua saúde (Collingwood, 1997).

Também Silva, Lima, Silva, e Prado (2009) desenvolveram um estudo que incidiu sobre os níveis de atividade física e o comportamento sedentário nas escolas de Aracaju através de uma amostra de 1.028 estudantes de ambos os sexos com uma média de idades de 15 anos. Cerca de 24.7% eram crianças e 75.3% eram adolescentes entre os 12 e os 16 anos sendo que o objetivo do estudo foi o de identificar o tempo médio de horas que assistem TV por dia. Os resultados deste estudo demonstraram que: o sexo masculino apresentou maior participação em atividades físicas do que o sexo feminino sendo que a prevalência do sedentarismo foi de 85.2% para o sexo feminino comparativamente a 69.8% do sexo masculino. Verificou-se que existe uma alta taxa de comportamento sedentário nas crianças e nos adolescentes sendo caracterizados como “sedentários” e “muito sedentários”; verificou-se também que os adolescentes são menos ativos que as crianças e o número de tempo médio que passam a ver televisão atinge grandes níveis quantitativos, uma média de 5 horas por dia. A prevalência de jovens classificados como sedentários foi de 78.6%, sendo 64.9% crianças e 8.1% adolescentes. Este comportamento reflete-se na saúde dos jovens, pois sendo um comportamento de risco podem desenvolver diabetes, obesidade, hipertensão arterial, cancros e outros problemas associados a um estilo de vida assinalado pelo reduzido consumo de verduras e fruta, consumo de álcool e drogas, comportamentos sexuais desprotegidos, entre outros.

As conclusões deste estudo refletem a importância da adoção de um estilo de vida mais ativo dando prioridade ao ambiente escolar, um local onde os jovens passam a maior parte do seu tempo e adotam a maior parte dos seus hábitos.

Por outro lado, Silva, Teixeira, e Ferreira (2002) realçam a importância dos estilos de vida dos jovens enquanto reflexo dos seus comportamentos. Através da realização de um estudo de natureza quantitativa com o método convergente-assistencial este procurou conciliar a pesquisa científica à intervenção na saúde relacionando o contexto social com as práticas de saúde a serem desenvolvidas. Através dos resultados deste estudo verificou-se que os adolescentes consumiam frequentemente alimentos gordurosos e guloseimas principalmente na adolescência associados a comidas rápidas acompanhadas com a ingestão de sumos com gás. Os resultados mostraram ainda que apesar dos adolescentes admitirem que não se alimentavam bem, estes não mudavam os seus hábitos alimentares e que apesar de saberem que ter uma alimentação saudável melhorava o seu estilo de vida e prevenção de doenças não conseguiam mudar os seus hábitos sozinhos justificando isto com a falta de tempo que tem para se alimentarem. A maior parte dos adolescentes tem noção que existe uma grande fonte de informação sobre os benefícios de ter hábitos de vida saudáveis e que os deveria seguir mas a maior parte admitiu que não os seguia e que os seus colegas também não.

A associação entre os estilos de vida parental com adoção de comportamentos de risco nos adolescentes é um fator a ser estudado. Neste sentido, referencia-se uma revisão da literatura que teve por objetivo analisar a família de adolescentes abusadoras e dependentes de substâncias psicoativas (Guimarães, Hochgraf, Brasiliano, & Ingberman, 2009), uma vez que a família pode constituir um importante fator de proteção quanto ao risco de consumo de substâncias na fase da adolescência. Os resultados deste estudo demonstraram que este tipo de famílias com problemas de consumo de drogas apresentavam características disfuncionais tais como: debilidade e conflitualidade ao nível dos vínculos/laços familiares, reduzida proximidade entre os elementos da família, falta de estruturação, ausência de regras e de hierarquia, e pais com historial de consumo de substâncias. Esta revisão

demonstrou ainda que o sexo feminino precisa de mais apoio por parte da família do que o sexo masculino estando mais vulneráveis para a vitimização sendo o mais sensível para o abuso psicológico e físico.

As mudanças sociais, culturais e políticas também influenciam na transformação da representação social da criança e do adolescente, refletindo-se não só na sua percepção como também no seu interior em que acaba por ajudar de forma negativa ou positiva na construção do estilo de vida que os adolescentes optam por ter na sociedade. Assim existe uma forte correspondência entre a concepção da infância na sociedade destacando-se as formas de desenvolvimento infantil, as práticas que os pais adotam para cuidar dos filhos, a organização do ambiente escolar e familiar, entre outros fatores que interagem entre si e influenciam o comportamento dos jovens (Salles, 2005).

O conhecimento do estilo de vida dos adolescentes e das suas rotinas diárias parece ser essencial para a diminuição de comportamentos de risco e para o incremento de oportunidades de desenvolvimento dos jovens. Apesar da vertente da delinquência juvenil já ter sido estudada através da identificação de vários comportamentos de risco continua a prevalecer uma lacuna na compreensão do estilo de vida que o adolescente opta e que o pode levar mais facilmente pelo mundo da delinquência juvenil (Ducharne, Cruz, Marinho, & Grande, 2012).

A teoria do estilo de vida criminal procura explicar o envolvimento criminal mediante o estilo de vida do sujeito. Tendo por base um cariz cognitivo, o crime surge justificado por um conjunto de ações do ser humano em que este opta por ter um estilo de vida marcado pela irresponsabilidade, infração de regras sociais, autoindulgência e intrusividade interpessoal. A falta de responsabilidades sustentada pela falta de crenças do indivíduo em que ele não vê vantagens em seguir as regras sociais convencionais ligadas a um sistema pouco eficaz explica o estilo de vida antissocial, uma vez que este não associa os ganhos alcançáveis e justificáveis para conseguir um desempenho convencional (Gonçalves, 2008).

O estilo de vida de um jovem delinquente passa por irresponsabilidades nas tarefas escolares, no local de trabalho; desinibição; impulsividade; consumos de álcool e drogas; promiscuidade sexual; vício do jogo e ostentação de tatuagens. Pode também estar associada a uma delinquência precoce através do incumprimento de regras e costumes sociais (Gonçalves, 2008).

5. Prevenção dos comportamentos desviantes e delinquentes e formas de controlo social

5.1.A importância da prevenção dos comportamentos desviantes e delinquentes

Silva (2003) refere que existem várias formas de prevenção da delinquência juvenil, a prevenção primária, que consiste em medidas que garantam os direitos fundamentais e políticas sociais básicas, como a saúde, a educação, o trabalho, a liberdade e a dignidade, sendo que quando estas políticas sociais falham dificilmente se consegue combater a criminalidade.

Por outro lado, a prevenção secundária passa por conselhos tutelares em que os programas presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente devem estar presentes e serem implementados dando enfoque aos de assistência educativa pelas comunidades locais. A delinquência juvenil está relacionada com falhas das necessidades básicas levando à desestruturação da família, grupo de pares com condutas antissociais, ausência de escolaridade obrigatória e até abandono escolar é importante que a prevenção secundária passe pela criação de programas de auxílio, apoio e orientação ao jovem e também à família (Silva, 2003).

A prevenção terciária ocorre através da aplicação de medidas socioeducativas como forma de readaptar ou reeducar o jovem delincente havendo alternativas para a privação de liberdade como programas de liberdade assistida, apoio e acompanhamento temporários, serviços à comunidade (Silva, 2003).

Alguns autores (e.g., Luzes, 2010) identificam várias medidas preventivas da delinquência juvenil, tais como: o desenvolvimento de projetos sociais, ações públicas e segurança pública de forma a erradicar as causas e a desenvolver um tratamento adequado ao problema.

Por sua vez, e de acordo com Sento-Sé (2011) a perspectiva preventiva passa pelo estudo das penas e da sua aplicação, consideradas um instrumento capaz de promover à sociedade largos recursos de autoproteção, diminuindo a prática de crimes e preservando a ordem social, sendo que esta estabelece um conjunto de leis a seguir por todos os cidadãos.

Por outro lado, a prevenção da evolução da criminalidade passa também pela identificação dos fatores de risco que fazem com que o indivíduo tenha mais probabilidade de se envolver em episódios criminais. Neste ponto, destacam-se as estruturas familiares, carreiras escolares, perfil socioeconómico da vizinhança, sendo estes fatores essenciais para combater através de um conjunto de estratégias voltadas para a redução dos fatores de risco, como: facilidade no acesso a armas, formas mais acessíveis de mediação de conflitos em populações marginalizadas, instrumentos de regulação e sanção de hábitos que aumentem a vulnerabilidade ou os comportamentos agressivos e a melhoria das formas de identificação de fatores potenciais de produção ou reprodução de condutas violentas (Sento-Sé, 2011).

Outra medida preventiva passa pelo envolvimento de agentes da polícia devidamente formados para dar resposta ao fenómeno criminal, começando pela aposta na aproximação entre a polícia e a comunidade através da criação de laços de cooperação em que a comunidade perceba que só sai beneficiada com o seu trabalho. As medidas podem passar pelo policiamento comunitário,

policciamento focado na resolução pacífica de problemas e conflitos através da mediação (Sento-Sé, 2011).

Paula (2013) defende, ainda, que as instituições de carácter estatal e não estatal, nomeadamente os controlos sociais formais e informais são os principais responsáveis pela formação e educação dos jovens. Nas instâncias de controlo formal encontram-se todas os órgãos pertencentes ao estado, como os órgãos policiais, Ministério Público (MP), e Direito Penal que abrangem um conjunto de normas que quando são infringidas dá lugar a uma punição.

Por outro lado, o controlo social informal começa a ser demonstrado desde a nascença do indivíduo, através do desenvolvimento do ser carácter, inclusão de valores sociais e a sua personalidade. O processo de socialização do jovem depende da eficácia do controlo social informal uma vez que quando este falha dá lugar à atuação do controlo social formal (Paula, 2013).

A família, a comunidade e a escola fazem parte do controlo social informal tendo uma importância significativa na determinação da conduta do jovem e constituem-se o principal meio da prevenção da delinquência juvenil, desde famílias bem estruturadas com regras de conduta e disciplina, bom rendimento escolar, religião, meios de comunicação e a própria comunidade. Assim, a função do controlo social, tanto na sua forma formal ou informal, tem duas funções principais: a primeira é na prevenção de comportamentos desviantes e, punição, quando a segunda falha e não consegue dar resposta sozinha a este problema (Paula, 2013).

Também Costa e Porto (2008) reforçam a ideia do autor anterior defendendo que para combater a delinquência juvenil é necessário trabalhar em setores que envolvam a família, a escola e a própria comunidade uma vez que o jovem está interligado a todo este meio.

Segundo Júnior, 2009, os processos de socialização das crianças passam também pela aplicação de medidas preventivas que aumentem a sua socialização e integração bem sucedida na sociedade principalmente pelo meio familiar, comunidade, grupos de jovens, escolas, treino profissional, meio

de trabalho e organizações voluntárias. Por outro lado, os sistemas educacionais devem estar interligados e funcionar em conjunto com os pais, organizações comunitárias e outros organismos que envolvam atividades para os jovens.

Os sistemas educacionais devem dedicar mais atenção aos jovens em risco social, devendo ser elaborados programas de prevenção e materiais didáticos, além de currículos, enfoques e ferramentas educacionais; na comunidade devem estar presentes programas que atendem a necessidades especiais, problemas, interesses e preocupações dos jovens e que ofereçam aconselhamento apropriado e orientação e as suas famílias devem ser fortalecidas destacando-se a elaboração de medidas preventivas contra os comportamentos aditivos (Júnior, 2009).

Por outro lado, segundo o Relatório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, 2010, a prevenção do crime foi definida em diretrizes de 2002, constituindo um conjunto de medidas/estratégias devidamente estruturadas de forma a diminuir a ocorrência de crimes, reduzir os seus efeitos sobre os sujeitos e a sociedade e combater o medo e insegurança pública através da intervenção nas suas causas (UNODC, 2010).

A prevenção do crime deverá orientar-se por um grupo de abordagens a serem seguidas, tais como: a) promover o bem-estar dos indivíduos, encorajando-os a desenvolverem um comportamento pró-social através da aplicação de medidas sociais, económicas, educacionais e de saúde com atenção especial às crianças e jovens de forma a reduzir os fatores de risco e aumentar os fatores protetivos – Prevenção por meio do desenvolvimento social; b) definir estratégias de mudança da vizinhança que reduzam a transgressão, vitimização e insegurança – Prevenção ao crime com base na localidade; c) reduzir as oportunidades de cometer crimes, diminuindo os seus benefícios e aumentando o risco de serem seriamente castigados incluindo um planeamento ambiental, fornecendo assistência e informação às vítimas ou potenciais vítimas – Prevenção situacional do crime e d) evitar a reincidência através da inclusão de estratégias de reinserção social e outros mecanismos preventivos a jovens

infratores. Este último ponto deve ser fulcral pois os programas de reinserção social devem estar estruturados com um leque abrangente de atividades (e.g. formação dos jovens, educação e aprendizagem de valores sociais e espírito de cooperação, etc) (Júnior, 2009).

5.2. A importância do papel da polícia e outras instituições na prevenção e controlo de comportamentos desviantes e delinquentes

Atualmente existe um conjunto de medidas públicas aplicadas pelo Governo de forma a dar respostas a vários problemas sociais e colocadas em prática por vários agentes, desde órgãos policiais, técnicos sociais, etc. A definição de políticas públicas iniciou-se como disciplina nos Estados Unidos América em que os americanos atribuíram-lhe o valor de que o conhecimento só é útil se for um instrumento que leve à ação e à melhoria de vida dos cidadãos (Quade, 2011).

O atual modelo de policiamento por proximidade surge através da estruturação de estratégias de prevenção em que a polícia atua diretamente com os cidadãos, fazendo-os entender a sua importância na elaboração de programas dinâmicos de prevenção junto deles. É necessário criar medidas integradas entre a polícia e a população geral de forma a reduzir o papel dos jovens no crime. A elaboração dessas medidas passam pela identificação e análise dos principais fatores que influenciam esta fase no ciclo de vida dos adolescentes (Soeiro, 1995).

Por outro lado, o apoio familiar e todas as entidades que participem no processo de formação do jovem devem ajudá-lo a inserir-se perante os valores e regras sociais de forma a que o seu comportamento se manifeste de forma normativa. A forma de atuar da polícia está a deixar de lado o contexto tradicional, em que a prisão apenas protege o público dos criminosos e começa a apostar no estudo dos fatores que levam os jovens a delinquir (Soeiro, 1995).

A prevenção da delinquência passa também por uma prevenção social em que é necessário planificar um conjunto de ações individuais e coletivas para combater o fenómeno (Gomes, 1995).

As medidas passam pela reformulação de aspetos urbanos arquitetónicos de forma a diminuir os espaços públicos demasiado isolados propícios para a prática de comportamentos desviantes, deve-se também aumentar as atividades extracurriculares culturais, desportivas e de ocupação dos tempos livres dos jovens e deve haver um aumento do equipamento social das cidades em *prol* da população ao mesmo tempo de um controlar o crescimento descontrolado das cidades que degradem as relações de convivência social. O modelo de prevenção da delinquência só é eficaz se os casos forem tratados de forma isolada e não de forma global devido às suas particularidades (Gomes, 1995).

Qualquer tipo de programa preventivo deve ser multissetorial de forma a conseguir dar resposta à delinquência juvenil uma vez que é um fenómeno muito complexo e multifacetado, sendo importante agir sempre de forma integrada pois nenhuma ação isolada consegue alcançar os mesmos objetivos positivos (Freitas & Ramires, 2011).

Dentro do contexto das forças de segurança destaca-se o Programa “Escola Segura”, sendo este caracterizado por um novo modelo de policiamento de proximidade no Despacho Conjunto nº105-A/2005 de 2 de Fevereiro pelo Ministério Administração Interna (MAI) e Ministério da educação (ME) em que define os objetivos prioritários, estratégias, coordenação e métodos de avaliação sendo avaliado no Despacho nº25650/ 2006 de 19 de Dezembro em que aprova o Regulamento do Programa Escola Segura (Santos, 2011)

Este programa centra-se num conjunto de ações preventivas junto das escolas de forma a se conseguir reduzir a violência e o crime e é operacionalizado pela GNR e PSP a nível nacional. Caracteriza-se também pelo papel proativo, pela prevenção e pelo aumento da segurança no meio escolar, uma vez que o Regulamento do Programa Escola Segura (RPES) envolve a comunidade e a família, e faz parcerias com outras instituições de proteção juvenil. O programa assegura a vigilância

reforçada dos espaços escolares através do policiamento territorial diário conforme os horários estabelecidos que vão de acordo com as necessidades de cada escola. Por outro lado, também realiza várias ações de sensibilização que se baseiam na demonstração de meios de Guarda junto dos estudantes, aconselhamento sobre comportamento adequados que devem adotar, criam medidas de segurança pessoal e rodoviária, entre outras. Desta forma, a comunidade escolar (e.g., professores, auxiliares de educação, alunos, pais) passem a usufruir de um conjunto de militares específico e identificável em que podem tirar dúvidas, estabelecer diálogo e pedir auxílio em qualquer situação (Santos, 2011).

No âmbito do Programa Escola Segura, a PSP e a GNR tem desenvolvido várias ações de sensibilização sob os perigos do consumo de drogas em várias escolas consideradas de risco elevado, foi aumentada a vigilância de certas zonas propícias a consumos e foram reforçadas estratégias de policiamento por proximidade em que estes trabalham diretamente com a comunidade, envolvendo-a (Cassimiro, 2009).

Outra forma de prevenção do consumo de drogas é através do desenvolvimento de programas de mediação social ou mediação escolar. O mediador é um educador social que atua em território escolar de forma a resolver conflitos de forma pacífica. Os programas preventivos neste âmbito focam-se no desenvolvimento de estratégias de mediação que podem trabalhar vários campos, desde: a promoção das relações interpessoais; a comunicação, desenvolvimento e reflexão e o desenvolvimento e cooperação entre os outros (Associação Humanidades, 1998).

Cabe assim ao mediador, seja ele um educador social, professores, pais ou qualquer outro técnico, apoiar o jovem sempre que este tenha um problema do qual não consegue resolver sozinho e debater com ele soluções ou alternativas de forma a conseguir orientá-lo a tomar a melhor decisão. É importante que o mediador perceba as necessidades do jovem, apoiando-o e orientando-o nas suas decisões de forma a ganhar a sua confiança (Associação Humanidades, 1998).

Desta forma, o jovem começa a expressão dos seus valores e opiniões, levando-o a criar um diálogo construtivo em que o objetivo é dar soluções e caminhos que o jovem pode percorrer por uma via mais responsável, mais saudável e dentro dos padrões e regras sociais. Estes programas de mediação tem-se destacado cada vez mais no meio escolar tornando-se no meio eficaz de prevenção de certos comportamentos desviantes (Associação Humanidades, 1998).

A nível nacional importa salientar o “Programa Escolhas” tem cerca de 1.154 parceiros locais e desenvolve um leque de atividades e cinco medidas estratégicas: I) Inclusão escolar e educação não formal; II) Formação profissional e empregabilidade; III) Participação cívica e comunitária; IV) Inclusão digital; V) Empreendedorismo e capacitação. O ano de 2014 foi um ano de êxito para este programa pois destacou-se na nomeação para os Prémios da Cimeira Mundial sobre a Sociedade de Informação (*World Summit on Information Society*). Destacou-se ainda pelo Observatório Internacional de Justiça Juvenil como uma das políticas públicas mais eficientes no combate a vários problemas associados à população jovem; no ano 2011 foi considerado como “Boa prática portuguesa” no âmbito da Prevenção da Delinquência Juvenil pelo Ministério da Administração Interna no âmbito do *European Crime Prevention Award*, e no ano 2012 foi destacado no *Empowerment Handbook* do Fundo Social Europeu seguido do convite para participar na Rede Europeia de Aprendizagem sobre *Empowerment* e Inclusão.

Por fim, é ainda importante referir o trabalho da Direção Geral de Reinsersão Serviços Prisionais (DGRSP) sendo um organismo do Ministério da Justiça que tem como função a criação de políticas de prevenção criminal, execução de penas e medidas de reinserção social contemplado no Decreto – Lei nº 123/2011 de 29 de Dezembro e regulado no Decreto Lei nº215/2012 de 28 de Setembro de 2012 como forma de estabelecer a ordem social e diminuir a criminalidade. Um dos setores principais passa pela prevenção da reincidência criminal através do desenvolvimento de diversos programas de intervenção junto da população reclusa adulta e jovem sendo ambos alvos de processos penais e processos tutelares educativos (Relatório Anual de Atividades da DGRSP, 2014).

Segundo o Relatório Anual de Atividades, 2014 da DGRSP, um dos seus objetivos principais foi o reforçar a orientação da intervenção para a prevenção da reincidência dos adultos a cumprir medidas privativas de liberdade ou de execução na comunidade através da avaliação do risco e da promoção de respostas estruturadas com enfoque nas necessidades criminogenas e de reinserção social. Os objetivos estratégicos foram a promoção e aplicação de programas dirigidos a necessidades criminogenas específicas de ofensores adultos; a implementação do plano de reabilitação e reinserção constituído por 96 medidas; a promoção de condições favoráveis à integração laboral dos reclusos; o reforço de recursos a instrumentos de avaliação de risco na elaboração de documentos de apoio à tomada de decisão prisional e o reforço do recurso a padrões de qualidade e eficácia na intervenção técnica no âmbito do tratamento prisional. Por outro lado, no âmbito da população juvenil um dos objetivos estratégicos passou pelo reforço da abordagem sistémica na intervenção tutelar educativa, atuando no setor da educação e no desenvolvimento de condições favoráveis da integração social dos jovens com medidas tutelares educativas. Este objetivo concretizou-se através de outros objetivos operacionais como a implementação do Plano Nacional de Reabilitação e Reinserção – Justiça Juvenil constituída por dezasseis medidas; a promoção da integração socioeducativa, formativa e laboral dos jovens alvo de medidas de acompanhamento educativo e de internamento; e o submeter o recluso a padrões de qualidade e eficácia na intervenção técnica na área tutelar educativa.

Parte B

Componente Empírica

1. Objetivos geral e específicos

O presente estudo teve como principal objetivo caracterizar o estilo de vida dos adolescentes e o seu comportamento desviante e delinquente. De forma mais específica, pretendeu-se:

- i) caracterizar o estilo de vida dos participantes, atendendo ao seu funcionamento escolar, familiar, social e individual;
- ii) analisar a frequência dos comportamentos desviantes e/ou delinquentes adotados pelos adolescentes, nos últimos 12 meses;
- iii) comparar a frequência dos comportamentos desviantes e/ou delinquentes dos participantes do sexo masculino com a dos participantes do sexo feminino.

2. Método

A presente investigação teve como base o método de natureza quantitativo, mediante a realização de um estudo descritivo, com recurso ao método do inquérito, sendo este suportado pela técnica do questionário.

A investigação quantitativa é caracterizada por se centrar nos níveis de realidade sendo que apresenta como objetivos a identificação e a apresentação de dados, indicadores e tendências observáveis. Os dados serão analisados estatisticamente (Dalfovo, Lana, & Silveira, 2008).

2.1. Amostra

No presente estudo participaram um total de 80 jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos, cuja média de idades era de 19 anos ($DP = 2.60$). A opção por esta faixa etária prende-se, desde logo, com o facto de a literatura nesta área comprovar que a adolescência constitui um período particularmente propício para o envolvimento em comportamentos de risco e para o desenvolvimento

de condutas antissociais; além disso a juventude tem sido igualmente identificada como uma etapa decisiva para a continuação dessa trajetória desviante (Carli, 2013). Trata-se, portanto, de uma amostra não probabilística, de conveniência.

Relativamente à área de residência, todos os participantes são do distrito de Viana do Castelo, mais especificadamente, da localidade de Ponte de Lima oriundos de áreas rurais, cerca de 98% eram de nacionalidade portuguesa e apenas 3% de outras nacionalidades (e.g., Cabo Verdiana). A escolha desta localidade prendeu-se com o facto de haver muita população juvenil e a necessidade de estudar os seus comportamentos desviantes/delinquentes, nomeadamente o consumo de substâncias.

Em termos de sexo, a grande maioria dos participantes eram do sexo masculino 56% e cerca de 43.8% eram do sexo feminino.

Relativamente ao ano escolar cerca de 40% andavam no ensino secundário e outros 40% frequentavam um Curso Universitário, seguiam-se os cursos profissionais com 14% e com apenas 6% andavam no Ensino básico.

Relativamente à constituição do agregado familiar, a grande maioria dos participantes respondeu que vivia com os pais e os irmãos (61%) ou com os pais sem irmãos (20%). Cerca de 6% referiu viver apenas com a mãe e irmãos. Verificou-se que alguns participantes são oriundos de famílias monoparentais em situação de divórcio, falecimento de algum dos progenitores e emigração por parte de um dos pais.

Relativamente ao número de irmãos, cerca de 25% respondeu que não tinha irmãos; 35% respondeu que tinha apenas um irmão; 28.7% respondeu que tinha apenas dois irmãos e 11% respondeu que tinha três ou mais irmãos (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica da amostra

Variáveis	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Residência		
Ponte de Lima	80	100
Nacionalidade		
Portuguesa	78	98
Outra	2	3
Sexo		
Masculino	45	56
Feminino	35	44
Ano escolar		
Ensino básico	5	6
Ensino secundário	32	40
Curso Universitário	32	40
Curso profissional	11	13
Agregado familiar		
Pai/mãe/irmãos	49	61
Pai/mãe	16	20
Mãe/irmãos	5	6
Só com a mãe	3	4
Pai/irmãos	2	3
Pais/irmãos/avós	2	3
Pais/avós/irmãos	1	1
Quantos irmãos tens		
Sem irmãos	20	25
Apenas 1 irmão	28	35
Dois irmãos	23	29
Três ou mais	9	11

2.2. Materiais

Nesta investigação recorreu-se ao método do inquérito, sendo este suportado pela técnica do questionário (cf. Anexo I).

O questionário é um importante instrumento de recolha de dados para uma pesquisa, pois trata-se de um conjunto ordenado e consistente de questões a respeito de variáveis e situações que se deseja medir ou descrever (Martins & Theóphilo, 2007).

Neste sentido, o instrumento utilizado neste estudo será um questionário elaborado para o efeito, tendo por base a revisão da literatura da especialidade. Este questionário foi submetido a pré-teste junto de 10 potenciais participantes neste estudo, e acompanhado de reflexão falada. Pretendeu-se com este procedimento avaliar a eficácia e pertinência do questionário, atendendo aos seguintes elementos: i) se os termos utilizados eram compreensíveis e desprovidos de equívocos; ii) se a forma das questões utilizadas permitia recolher as informações desejadas; iii) se o questionário não era muito longo e não provoca desinteresse ou irritação; iv) se as questões não apresentavam ambiguidade.

O questionário encontra-se organizado em cinco grupos de questões: o primeiro grupo destina-se a recolher a informação sociodemográfica dos participantes (e.g., sexo, idade, grau de escolaridade, nº de irmãos, etc). Segue-se a análise do funcionamento escolar/ocupacional dos jovens, nomeadamente a caracterização do ambiente escolar em que se encontram inseridos, a relação entre eles e os seus professores, entre outros fatores. Cada item deste grupo é analisado através de uma escala que começa no “Muito bom”; “Bom”; “Razoável”; e “Mau”.

O terceiro grupo de questões procura explorar o funcionamento familiar dos participantes (identificar a profissão dos pais, caracterizar o ambiente e as dinâmicas familiares, a relação com os pais e irmãos), através de uma escala que vai de “Muito bom”; “Bom”; “Razoável”; e “Mau”. Pretende-se também identificar as regras e rotinas familiares através de uma escala que começa no “Sempre”; “Frequentemente”; “Raramente”; e “Nunca”. No quarto grupo, procura-se caracterizar o estilos de vida

e a ocupação de tempos livres dos adolescentes, e onde se exploram as atividades em que os adolescentes se encontram inseridos, através de uma escala que começa em “Todos os dias”; “Uma vez por semana”; “Só aos fins de semana” e “Nunca”, num conjunto de atividades desportivas, religiosas, de lazer, familiares e saídas à noite. Ainda neste grupo são exploradas as atividades mais frequentes quando saem à noite através de uma escala que começa em “Sempre”; “Frequentemente”; “Raramente” e “Nunca”.

Por último, no quinto grupo, procura-se caracterizar a frequência da prática de certos comportamentos e desvios por parte dos adolescentes, nos últimos 12 meses. Para tal, os participantes têm que identificar a frequência com que realizam cada um dos comportamentos apresentados tomando em consideração a seguinte escala: “Nunca”; “Uma vez”; Duas ou três vezes; Quatro vezes ou mais.

De referir que neste grupo de questões, primeiramente são apresentados um conjunto de comportamentos desviantes (e.g., faltar ao respeito a professores ou funcionários, fazer piratagem de músicas e filmes, faltar constantemente às aulas) seguindo-se os comportamentos delinquentes (e.g., prática de furtos, roubos, tráfico de drogas) de forma a identificar que tipo de comportamento é que o jovem está inserido (cf. Anexo I).

2.3. Procedimentos

Para a realização do presente estudo tornou-se necessário começar por se proceder aos pedidos de autorização formais, iniciando-se pelo pedido de autorização à comissão de ética da Universidade Fernando Pessoa.

Atendendo a que a recolha de dados efetuou-se na área geográfica de Ponte de Lima, primeiramente contactou-se a Câmara Municipal de Ponte de Lima de forma a solicitar colaboração no presente estudo (cf. Anexo II).

A recolha de dados foi efetuada porta-a-porta, de forma individual em que a investigadora esteve presente no local para explicar cada sessão que constituiu o questionário e para retirar dúvidas que pudessem existir em relação a este e ao estudo de uma forma geral. No entanto, depois de realizada a explicação do estudo, esta deu um espaço ao respondente para este não se sentir pressionado promovendo um ambiente de conforto e tranquilidade que apenas era quebrado caso o participante assim o solicitasse.

Por outro lado, de forma a garantir as condições adequadas para a administração do questionário e os termos de privacidade do participante foi-lhe explicado que podia escolher um local em que se sentisse confortável e tranquilo para responder às questões desenvolvidas, nomeadamente um local na sua habitação, uma vez que o questionário era administrado porta-a-porta de forma individual, ou num local exterior em que se sentisse à vontade. É ainda importante salientar que a investigadora procedeu à recolha do questionário no local depois de estar devidamente preenchido, quando o participante não teve disponibilidade de responder às questões na altura foi definida outra data para a sua administração.

No caso dos menores de idade, foi necessário efetuar o pedido de autorização e consentimento informado, por escrito, junto dos pais/tutores legais dos participantes (cf. Anexo III). Procedeu-se igualmente à recolha do consentimento informado junto dos que possuem idade igual ou superior a 18 anos (cf. Anexo IV). Primeiramente, o investigador explicitou junto dos participantes e/ou pais/tutores legais os objetivos do estudo, o carácter anónimo do mesmo e confidencialidade dos dados, destinando-se os mesmos a procedimentos meramente estatísticos. De referir ainda que na realização deste estudo, procurou-se sempre separar os formulários dos consentimentos informados assinados dos questionários de modo a não ser possível emparelhá-los e garantir o efetivo anonimato dos mesmos. Para tal, antes da administração dos questionários, a investigadora procedeu à recolha dos consentimentos informados colocando-os num envelope destinado para este efeito.

2.4. Análise dos dados

Os dados recolhidos através do estudo quantitativo foram sujeitos a análises estatísticas com recurso ao programa informático IBM SPSS 19.0 (*Statistical Package for the Social Sciences*), sendo realizadas essencialmente análises descritivas.

3. Apresentação dos resultados

3.1. Caracterização do estilo de vida dos participantes

3.1.1. Em termos de funcionamento escolar/ocupacional

Tabela 2

Reprovações e atividades extracurriculares

Itens questionário	Sim		Não	
	N	%	N	%
Já alguma vez reprovaste de ano?	26	33	53	65
Além dos estudos tens alguma atividade em paralelo?	43	54	37	46

Através da análise da tabela anterior (cf., tabela 2) podemos verificar que apesar de 65% dos participantes admitirem que nunca tinham reprovado de ano, uma amostra significativa 33% admitiu que já tinha reprovado de ano. Aqueles que admitiram que já tinham reprovado de ano, cerca de 26% reprovou de ano pelo menos uma vez.

Quando foram questionados sobre se praticavam alguma atividade extracurricular cerca de 54% respondeu que “sim”, contudo verifica-se novamente uma grande percentagem que não tem qualquer tipo de atividade extracurricular além dos estudos, com 46%. Dentro das atividades extracurriculares praticadas destacaram-se as atividades desportivas (e.g., ginásio; futebol;) com 35%.

Tabela 3

Situação escolar

	Muito bom		Bom		Razoável		Mau	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Ambiente escolar	6	8	46	58	25	31	3	4
Relação com professores	3	4	44	55	28	35	5	6
Relação com funcionários	2	3	43	54	29	36	6	8
Relação com colegas	10	13	50	63	20	25	0	0
Aproveitamento escolar	2	3	31	39	35	44	12	15
Assiduidade	4	5	34	43	30	38	12	15
Participação ativa nas aulas	29	36	35	44	16	20	0	0
Hábitos de estudo	1	1	27	34	32	40	20	25

Analisando os dados presentes na tabela anterior (cf., tabela 3) verifica-se que relativamente à opinião dos jovens sobre o seu ambiente escolar cerca de 58% admitiu que considerava que tinha um “bom” ambiente na escola, contudo uma margem significativa de alunos 31% avaliou o seu ambiente escolar como sendo “razoável”.

Relativamente à relação com os seus professores 55% respondeu ter uma boa relação com eles, em contrapartida 35% classificou a relação como “razoável”. Por outro lado, quando foram questionados sobre a relação que tinham com os funcionários cerca de 54% classificou a relação com “bom” e 36% considerou a sua relação “razoável”.

Relativamente à relação com os colegas, a maior parte respondeu que tinha uma boa relação 63% e 25% classificou a relação como “razoável”.

No item sobre o aproveitamento escolar, a maioria 44% considerou que tinha um aproveitamento escolar “razoável”; 39% respondeu que tinha um bom aproveitamento na escola e apenas 15% classificou o seu aproveitamento escolar como “mau”.

Na questão da assiduidade, 43% respondeu que tinha uma boa assiduidade, contudo verificou-se que uma grande parte (38%) respondeu ter uma assiduidade “razoável” e 15% respondeu ter uma má assiduidade.

Relativamente à participação ativa nas aulas, cerca de 44% considerou que tinha uma boa participação nas aulas, 36% (N=29) considerou que tinha uma participação “muito boa” e 20% classificou-a como “razoável”.

Por outro lado, relativamente aos hábitos de estudo, 40% classificou-os como “razoáveis”; 34% respondeu que tinha bons hábitos de estudo e 25% admitiu possuir maus hábitos de estudo.

Por outro lado, quando os jovens foram questionados sobre o que mudariam na sua escola, apenas 16% respondeu que “não mudava nada”. A maior parte respondeu que mudavam as condições escolares a nível de espaços, arquitetura e organização devido a obras na escola (e.g., muitos alunos estavam a ter aulas em contentores). De seguida, cerca de 18% respondeu que mudariam as condições de almoço na cantina, nomeadamente a comida referindo que “não é muito boa” e os horários escolares (e.g., “a escola prende-nos muito tempo”). Com as mesma percentagens, 18% admitiu que mudavam alguns professores e as aulas (e.g., “as aulas são muito extensas e uma seca”).

Quando os participantes foram questionados se já estiveram envolvidos em algum problema no espaço escolar, 64% respondeu que não, contudo 36% admitiram que já se tinham envolvido em problemas na escola. O problema mais comum, destacando-se com 31%, foi o envolvimento dos jovens em agressões físicas, verbais ou psicológicas com os colegas.

3.1.2. Em termos de funcionamento familiar

Relativamente ao funcionamento familiar dos participantes, a maior parte dos pais ou pessoa com quem vivem está com a sua situação de empregabilidade estável estando trabalhar (71%) e 29% responderam que estavam desempregados.

Nomeadamente à atividade do pai, 33% tinha um negócio por conta própria (e.g., comércio, advogados, restaurantes, mecânicos); 21% estava desempregado. Relativamente à atividade da mãe, 26% declarou que a mãe se encontra em situação de desemprego ou a trabalhar em casa (domésticas), 23% relatou que possui negócios por conta própria (e.g., cabeleireiras, feirantes, costureiras, restaurantes) e 12% referiu que as mães trabalham como empregadas fabris.

Na questão “os teus pais já tiveram algum problema ligado à justiça nos últimos 12 meses?” cerca de 75% respondeu que “não” e 27% respondeu que os pais já tinham tido algum tipo de contacto com o sistema judicial. Os problemas que se destacaram foram os acidentes rodoviários ou no local de trabalho com 10%; seguidos dos desentendimentos familiares (situação de divórcios, heranças) com 9%; problemas de consumo de álcool ou drogas com 4% e problemas relacionados com dividas (5%).

Por outro lado, na questão “mudavas alguma coisa na tua família”, 56% respondeu que não mudava nada e 29% respondeu que mudariam o seu ambiente familiar no sentido de haver mais diálogo e tempo para a família.

Tabela 4

Relações e atividades em família

	Muito bom		Bom		Razoável		Mau	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Relação com os pais	19	24	41	51	19	24	1	1
Relação entre os pais	10	13	32	40	27	34	6	8
Relação com os irmãos	11	14	43	54	11	14	0	0
Ambiente familiar	6	8	47	59	25	31	2	3
Atividades em família	4	5	29	36	34	43	13	16
Abordar temas mais sensíveis	4	5	26	33	40	50	10	13

Através da análise da tabela anterior (cf., tabela 4) verifica-se que 51% dos jovens têm uma boa relação com os pais e 24% respondeu que tinha uma relação razoável. Relativamente à relação que os pais tinham entre si, 40% respondeu que a relação deles era boa, contudo uma grande percentagem (34%) classificou essa relação como sendo razoável. Por outro lado, 54% respondeu que tinha uma boa relação com os irmãos, 14% uma relação razoável e outros (14%) referiu possuir uma relação muito boa.

Relativamente ao ambiente familiar, 59% respondeu ter um bom ambiente familiar e 31% respondeu ter um ambiente familiar razoável.

Relativamente às atividades em família, 43% classificou-as como sendo razoáveis e 36% classificou-as como boas.

Na última questão, “abordar com os pais temas mais sensíveis (e.g., sexualidade, namoro, amigos) 50% classificou-a como razoável e 33% com “bom”.

Tabela 5

Imposição de regras e atividades

	Sempre		Frequentemente		Raramente		Nunca	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Imposição de regras no dia-a-dia	13	16	41	51	19	23	7	9
Imposição de tarefas no dia-a-dia	15	19	39	49	22	28	4	5
Pedir permissão para sair à noite	12	15	28	35	34	43	6	8
Imposição horários para chegar a casa	8	10	30	38	35	44	7	9
Castigos perante incumprimento de regras	4	5	28	35	36	45	12	15
Definição de horários para estudo	6	8	21	26	37	46	15	19
Incentivo atividades extracurriculares	6	8	37	46	26	33	10	13
Informar os pais sobre o seu grupo de pares	14	18	40	50	21	26	5	6
Incentivo os pais sobre os locais que saem à noite	16	20	38	48	22	28	4	5
Informar os pais sobre as atividades que fazem com os amigos em saídas à noite	14	18	28	35	33	41	5	6

Através da análise da tabela anterior (cf., tabela 5) verifica-se que na questão “imposição de regras no dia-a-dia”, 51% respondeu que frequentemente tinha regras a cumprir e 23% respondeu que os pais raramente impunham regras. Por outro lado, na questão “imposição de tarefas e obrigações no dia-a-dia”, 49% respondeu que “frequentemente” tinha tarefas a cumprir e 28% respondeu que era raramente tinha tarefas a cumprir.

Verifica-se ainda que 43% dos jovens raramente pediu permissão para sair à noite e 35% frequentemente pedia permissão para sair. Relativamente à imposição de horários de chegada em saídas à noite, 44% respondeu que raramente tinha horários para chegar a casa e 38% que frequentemente tinha que cumprir horários.

Por outro lado, na questão “imposição de castigos caso não cumprissem as regras estabelecidas”, 45% respondeu que era raro ter castigos e 35% tinha castigos frequentemente. 46% respondeu que raramente eram estabelecidos horários de estudo pelos pais e 26% respondeu que frequentemente lhes era estabelecido períodos de estudo.

Verificou-se ainda que 46% dos participantes revelou que os pais incentivam os filhos para a prática de atividades extracurriculares de forma frequente, contudo uma percentagem significativa (33%) respondeu que era raro o incentivo à prática de qualquer tipo de atividade. Por outro lado, 50% dos jovens respondeu que tinha que informar os pais sobre quem constituía o seu grupo de pares, ao contrário de 26% que admitiu não ter que o fazer. .

Relativamente à questão “informar os pais sobre os locais que frequentas quando saís à noite” 48% respondeu que os informava de forma frequente e 28% respondeu que era raro fazê-lo.

Para terminar, na questão “informar os pais sobre as atividades com os amigos em saídas à noite”, 41% respondeu que era raro dizer aos pais o que fazia nas suas saídas com os amigos e 35% respondeu que era frequente revelar aos pais as atividades que faz com os amigos em saídas à noite.

3.1.3. Em termos funcionamento social e individual

Relativamente ao estilo de vida dos jovens na categoria do seu funcionamento social e individual em resposta à questão “Com quem costumam passar os teus tempos livres” , a maior parte (69%) respondeu que costuma passar os seus tempos livres com “amigos ou namorada/o” e 20% respondeu sozinho/as ou com os pais e avós.

Relativamente à resposta à questão “Onde costumam passar os teus tempos livres” a grande maioria (70%) respondeu que passava no “café ou na escola” e 31% em casa.

Relativamente às atividades desportivas, foram numeradas algumas atividades que se poderiam destacar entre os jovens como a prática de futebol, basquetebol, natação, artes marciais e danças, contudo como se pode verificar na tabela abaixo (cf., Tabela 5) cerca de 25% respondeu que praticava futebol mais do que uma vez por semana mas 64% respondeu que não praticava este desporto. Relativamente à prática de basquetebol, apenas 19% afirmou fazê-lo mais do que uma vez por semana, e 77% respondeu que não praticava este desporto. Relativamente à natação, a grande maioria (94%) referiu não praticar esta modalidade e apenas 5% respondeu que praticava mais do que uma vez por semana. . No que se refere à prática de “artes marciais” apenas 6% responderam que praticavam mais do que uma vez por semana esta modalidade mas 98% respondeu que não tinha por habito praticar este desporto. Por fim, no que se refere às danças, cerca de 90% respondeu que não praticava esta modalidade e apenas 8% afirmou fazê-lo.

Quando questionados sobre se praticavam ”outra atividade física” sem ser as que estavam enumeradas, cerca de 29% respondeu sim, sendo que a prática de o ginásio mais do que uma vez por semana, foi a mais identificada pelos participantes (27%) e 68% assinalou que não pratica qualquer atividade física.

Por outro lado, em relação à prática de atividades religiosas, verificou-se que cerca de 32% respondeu que só tinha por hábito ir à missa “aos fins-de-semana” e 68% admitiu nunca o fazer. (cf., Tabela 6).

Tabela 6

Atividades desportivas e religiosas

	Todos os dias		Mais do que uma vez por semana		Uma vez por semana		Só aos fins-de-semana		Nunca	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Futebol	1	1	20	25	3	4	5	6	54	64
Basquetebol	0	0	15	19	3	4	1	1	61	77
Natação	0	0	4	5	1	1	0	0	75	94
Artes marciais	0	0	4	6	0	0	0	0	78	98
Danças	0	0	6	8	2	3	0	0	72	90
Ir à missa	0	0	0	0	1	1	25	32	54	68
Ir à catequese	0	0	0	0	1	1	7	9	72	90
Andar nos escoteiros	0	0	0	0	0	0	1	1	80	99

Através da análise da tabela abaixo transcrita (cf., Tabela 7) na questão “com que frequência realizas atividades desportivas em família” (e.g., caminhadas, passeios ao ar livre), 49% respondeu que o faz apenas ao fim-de-semana; 19% mais do que uma vez por semana e 23% referiu que nunca realizou esse tipo de atividades.

Relativamente à questão “estar presente em almoços e jantares em família”, 48% respondeu mais do que uma vez por semana e 39% revelou só estar presente ao fim-de-semana. Relativamente à questão “viajar ou conhecer locais novos”, 87% (N=69) respondeu que só faziam esta atividade aos fins-de-semana.

Na questão “fazer tarefas em conjunto”, 30% afirmou que nunca fez tarefas em conjunto; 28% verbalizou só ao fim-de-semana; 22% uma vez por semana e 20% mais do que uma vez por semana.

Relativamente à análise da prática das atividades individuais de lazer (cf., tabela 6) na questão “navegar na internet” (e.g., ver filmes, ouvir música, documentários), 69% referiu navegar na internet todos os dias e 30% admitiu navegar na internet mais do que uma vez por semana. Na questão “navegar em redes sociais” (e.g., facebook, chat) 49% respondeu frequentar as redes sociais todos os dias e 40% mais do que uma vez por semana.

Relativamente à questão “ler e escrever” (livros, diários, revistas, jornais), 29% respondeu que nunca lia ou escrevia, 39% respondeu que nunca lia ou escrevia e 19% referiu que o fazia apenas uma vez por semana. 55% revelou que tinha por hábito ver televisão todos os dias e 44% mais do que uma vez por semana.

Relativamente à questão “ir ao cinema”, 59% admitiu ir ao cinema só aos fins-de-semana e 30% nunca ter ido.

Na atividade “jogar jogos de vídeo”, 38% respondeu que nunca jogam, contudo 28% admitiu jogar jogos de vídeo todos os dias; 23% mais do que uma vez por semana e 10% referiu só jogar aos fins-de-semana.

Tabela 7

Atividades em família e de lazer

	Todos os dias		Mais do que uma vez por semana		Uma vez por semana		Só aos fins-de-semana		Nunca	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Atividades desportivas	1	1	15	19	7	9	39	49	18	23
Almoços e jantares	1	1	38	48	9	11	31	39	1	1
Viajar e conhecer locais novos	0	0	3	4	4	5	69	87	4	5
Fazer tarefas em conjunto	1	1	16	20	17	22	22	28	24	30
Navegar na internet	55	69	24	30	1	1	0	0	0	0
Frequentar redes sociais, chat	39	49	32	40	7	9	0	0	2	3
Ler e escrever	5	6	23	29	15	19	7	8	31	39
Ver televisão (filmes, séries)	44	55	35	44	1	1	0	0	0	0
Ir ao cinema	0	0	4	5	5	6	47	59	24	30
Jogar jogos	22	28	18	23	2	3	8	10	30	38

Por outro lado, quando lhes foi questionado “Com quem costumás sair à noite?”, 70% respondeu que tinha por hábito sair com os amigos e 25% respondeu que saía com os amigos e com a namorada.

Em relação ao “tipo de atividades que fazes com o teus amigos quando saís à noite”, 59% identificou atividades em grupos de pares (e.g., beber, fumar, dançar, conversar) e 41% respondeu que ia “sempre” e “frequentemente” ter com a namorada/o.

Analisando a tabela abaixo (cf., Tabela 8) relativamente à questão “Onde costumais ir quando saís à noite”, 68% respondeu que frequentemente tinham por hábito “ir a bares, discotecas e pubs” locais de diversão noturna; 13% referiu “sempre” a estes sítios quando saíam à noite e 20% referiu que “raramente” frequenta estes locais. Por outro lado, cerca de 35% respondeu que ia até sítios mais calmos como o café, *shopping*, cinema ou teatro. No entanto, cerca de 46% revelou que “raramente” frequenta estes locais, preferindo locais de diversão noturna e clubes de dança como se verifica na elevada percentagem.

Tabela 8

Locais de saídas à noite

	Sempre		Frequentemente		Raramente		Nunca	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Bares, discotecas ou pubs	10	13	54	68	16	20	0	0
Café, cinema, teatro, shopping	5	6	28	35	37	46	9	11

Por outro lado, na tabela abaixo (cf., Tabela 9) na questão sobre os horários de se deitarem em “tempos de aulas”, 58% dos jovens respondeu que ia para a cama entre as 22h-24h; 29% depois das 24h e apenas 14% referiu o horário entre as 20h-22h.

Quanto ao horário de se deitarem “ao fim-de-semana”, a grande maioria (75%) revelou deitar-se depois das 24h, e no que toca ao horário de se deitarem nas férias escolares cerca de 68% voltou a responder que se deitava depois das 24h e 33% afirmou deitar-se entre as 22h-24h.

Tabela 9

Horários de dormir

	20h-22h		22h-24h		Depois das 24h	
	N	%	N	%	N	%
Em tempo de aulas	11	14	46	58	23	29
No fim-de-semana	0	0	20	25	60	75
Nas férias	0	0	26	33	54	68

Como podemos verificar na tabela (cf., Tabela 10) relativamente à questão “experiência e consumos”, 55% respondeu que consome tabaco e 31% respondeu que nunca fumou tabaco. Verifica-se neste item uma elevada percentagem de fumadores na população jovem (55%). Relativamente às idades de experimentação, 40% admitiu que experimentou fumar tabaco entre os 15-18 anos e 32% revelou ter experimentado em idades bastante precoces como os 10-14 anos.

Relativamente ao consumo de bebidas alcoólicas, cerca de 66% respondeu que apenas bebia ao fim-de-semana e 23% referiu nunca ter consumido bebidas alcoólicas. Relativamente às idades de experimentação, cerca de 43% respondeu que experimentou beber entre os 15-18 anos e 38% admitiram experimentar beber entre os 10-14 anos, destacando-se idades muito precoces.

Relativamente ao consumo de “outras drogas”, cerca de 43% afirmou não ter consumido qualquer tipo de drogas; contudo 29% respondeu que consumia mais do que uma vez por semana; 16% todos os dias e 10% apenas ao fim-de-semana.. Relativamente às idades de experimentação, 38% respondeu que experimentou “outras drogas” com 15-18 anos; 21% quando tinha entre 10-14 anos e 11% entre os 19-25 anos. Ainda neste sentido, quando lhes foi questionado sobre que tipo de drogas consumia, 36% afirmou consumir “erva” ou “cannabis”; 18% “pólen” e 9% “axe”.

Quando questionados sobre se “com o consumo de drogas as pessoas tem mais tendência a envolverem-se em brigas e agressões com outras pessoas?”, a maior parte (81%) respondeu afirmativamente e 19% contestou tal tendência. Entre os argumentos apresentados pelos que concordam com a questão anterior, destaca-se com 54% “não estão no seu estado normal e ficam sem consciência dos seus atos”; “altera-lhes o sistema nervoso podendo alguns ficar mais agressivos e outros mais relaxados, depende para o que lhes dá” (16%); 15% (respondeu não saber explicar).

Relativamente à questão “consumiste álcool ou outras drogas nos últimos 12 meses?”, 71% admitiu tê-lo feito, ao contrário de 29%. Quanto aos “locais onde costumam consumir”, 62% identificou locais de convívio como o café, ou então, em locais de diversão noturna como bares e discotecas; por outro lado, questionados sobre o local onde consomem mais bebidas alcoólicas, 75% voltou a responder que era em cafés, bares ou discotecas quando saíam à noite e o local onde consumiam outras drogas, nomeadamente os “charros” de erva, pólen ou axe, era 32% em bares e discotecas e 25% no café ou em casa quando tivessem sozinhos, ou na presença de amigos.

Tabela 10

Experiências e consumos

	Todos os dias		Mais do que uma vez por semana		Uma vez por semana		Só aos fins-de-semana		Nunca	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Fumar tabaco	44	55	0	0	6	8	5	6	25	31
Beber álcool	0	0	5	6	4	5	53	66	18	23
Outras drogas (cannabis, axe, pólen)	13	16	2	3	23	29	8	10	34	43

Na questão “consideras que tens um estilo de vida saudável?”, 60% considerou que “sim” e 39% que “não”, alegando (21%) possuir certos vícios (fumar, beber) e 16% admitiu “não fazer qualquer tipo de desporto”.

De forma mais específica e perante a questão da alimentação sobre “quantas refeições costumam fazer por dia?”, 44% respondeu que fazia mais de quatro refeições; 38% três refeições por dia e 16% referiu apenas duas refeições por dia. A ingestão de sopa foi admitida por 44% dos participantes (cf., Tabela 11).

Ao pequeno almoço, cerca de 42% (referiu comer “leite com café ou chocolate mais um pão”; 26% apenas “leite com cereais”; 17% referiu que tinha por hábito apenas “beber leite, sumos ou iogurte” sem comer nada e 15% verbalizou não realizar o pequeno-almoço.

Relativamente à questão “o que costumam comer a meio da manhã”, 54% respondeu não comer nada a meio da manhã; 21% apenas uma peça de fruta; 16% respondeu que comia um bolo ou bolachas e apenas 10% respondeu que comia um pão levado de casa. Já quanto ao almoço, cerca de 72% verbalizou uma refeição normal “carne ou peixe” acompanhado com massa ou arroz e 28% que apenas comia “baguetes ou comidas rápidas”. Relativamente à questão “o que costumam comer ao lanche”, cerca de 41% referiu não comer nada; 31% “um pão ou bolo, mais sumo ou leite achocolatado” e 28% referiu “bolachas, bolos ou barra de cereais mais sumo ou iogurte” (cf., Tabela 11).

Por fim, e no que respeita ao jantar, cerca de 46% referiu fazer “uma refeição normal de carne ou peixe acompanhado com massa ou arroz”; 29% de que costumam comer “sopa, saladas e sandes”; 20% verbalizou “refeição normal acompanhada de um prato de sopa” (cf., Tabela 11).

Tabela 11

Alimentação

	N	%
Pequeno-Almoço		
Leite c/café/pão	26	32
Cereais c/leite	21	26
Pão/sumo ou iogurte	8	10
Só bebo leite ou café	13	17
Não como nada	12	15
Meio da manhã		
Pão	8	10
Fruta	17	21
Bolos e bolachas	12	16
Não como nada	43	54
Almoço		
Carne ou peixe	58	72
Baguetes/ comidas rápidas	22	28
Lanche		
Leite ou sumo/pão	25	31
Bolachas, bolos	22	28
Não como nada	33	41
Jantar		
Carne ou peixe	37	46
Sopa/saladas/sandes	23	29
Só sopa	4	5
Sopa e refeição	16	20

Relativamente à questão do peso dos jovens na questão “como classificas o teu peso” cerca de 48% (N=39) respondeu que “estou bem como estou”; 30% de que se encontra “abaixo do peso indicado” e 20% “acima do peso indicado”. Os que responderam que estavam acima do peso indicado cerca, de 9% pesava entre “60kg a 80kg” e outros 9% pesava entre “81kg a 100kg”.

Os que indicaram que estavam abaixo do peso indicado cerca de 20% pesava entre os “50kg a 65kg” e 11% entre “30 a 45kg”. Aqueles que responderam que estavam bem com o seu peso, cerca de 33% (N=26) pesavam entre os “61kg a 75kg”; 13% pesava entre “50kg a 60kg” e apenas 6% pesava entre os “76kg a 90kg”.

Analisando a tabela abaixo (cf., Tabela 12) acerca do estado de saúde dos participantes e no que respeita aos “problemas de saúde físicos”, cerca de 66% respondeu que “raramente” apresentava qualquer tipo de problemas e 15% admitiu apresentar problemas “frequentemente”. Ainda neste sentido, relativamente aos problemas físicos, cerca de 15% referiu estar relacionados com problemas nas articulações (joelhos). Na questão sobre “problemas de saúde mental”, 53% referiu que “raramente” apresentava esses problemas e 29% de que “frequentemente” tinham problemas de saúde mental. Ainda neste sentido, os problemas a nível de saúde mental que mais de destacaram nos jovens foi a depressão 28% relacionada com estados de ansiedade, irritabilidade, descontrolo de emoções e stress (cf., Tabela 12).

Relativamente à questão “ficar doente”, 81% referiu que “raramente” ficava doente e 14% que frequentemente ficava doente.

Na questão “precisar de ir ao médico”, 80% verbalizou que “raramente” precisa de ir ao médico ao contrário de 14%, que respondeu que “frequentemente” vai ao médico. Não obstante, 63% respondeu que “raramente” toma medicação e 19% de que frequentemente têm que tomar medicação. Dentro da medicação que precisavam de tomar, cerca de 22% indicaram os antidepressivos ou calmantes para a ansiedade e depressão (cf., Tabela 12).

Tabela 12

Problemas de saúde

	Sempre		Frequentemente		Raramente		Nunca	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Problemas de saúde física	2	3	12	15	53	66	13	16
Problemas de saúde mental	0	0	23	29	42	53	14	18
Ficar doente	0	0	11	14	65	81	3	4
Precisar de ir ao médico	0	0	11	14	64	80	4	5
Precisar de tomar medicação	1	1	15	19	50	63	13	16

Questionados sobre a bebida que acompanha as refeições, cerca de 45% respondeu que variava entre “água ou sumos”; cerca de 36% admitiu consumir mais “sumos com gás” (e.g. coca-cola, pepsi) e 19% indicaram o consumo de mais “água”.

Verificando a tabela abaixo (cf. Tabela 13) na questão sobre alimentação “com que frequência consomes legumes, vegetais ou fruta”, 41% respondeu que raramente consome este tipo de alimentos; 39% e que o fazia frequentemente e 20% admitiram fazê-lo sempre. Relativamente ao consumo de carne, 54% respondeu que consome frequentemente carne e 47% referiu fazê-lo sempre. Ainda neste sentido, na questão do consumo de peixe, 63% respondeu a sua ingestão frequentemente e 21% referiu fazê-lo muito raramente.

Perante a questão do consumo de fritos, congelados e enlatados, 59% verbalizou que frequentemente ingere estes alimentos e 39% que o faz raramente. Por fim, na questão do consumo de doces (e.g. chocolates, bolos, gomas, gelados) cerca de 58%, respondeu que ingeria sempre este tipo de alimentos e 40% respondeu que raramente comia doces.

Tabela 13

Frequência de consumo de alimentos

	Sempre		Frequentemente		Raramente	
	N	%	N	%	N	%
Legumes, vegetais, fruta	16	20	31	39	33	41
Carnes	37	47	43	54	0	0
Peixes	13	16	50	63	17	21
Fritos, congelados e enlatados	2	3	47	59	31	39
Doces (chocolates, gelados)	2	3	46	58	32	40

Indo em conta com os dados da tabela abaixo (cf. Tabela 14) sobre a questão “como avalias estas afirmações” na asserção “sinto-me satisfeito com a minha aparência física”, 49% respondeu que frequentemente se sente satisfeito; 31% que raramente se sentia bem e 20% que se sentia sempre satisfeito com a sua aparência física.

Relativamente à afirmação “sinto-me sozinho”, 71% respondeu que isto acontece muito raramente, estando sempre acompanhados com amigos ou familiares, contudo 25% referiu que era frequente sentir-se sozinho. Por outro lado, na afirmação “ não gosto de fazer desporto” a maior parte (61%) não concordou com a afirmação, contudo cerca de 18% concordou com a afirmação e admitiu não gostar da prática de desporto.

Na afirmação “ sinto que ninguém me compreende”, cerca de 59% respondeu que raramente se sentia assim, contudo uma percentagem considerável 39% respondeu que era frequente sentir que ninguém o compreende. Por outro lado, na afirmação “ sinto que tenho muitas qualidades”, 53% respondeu que frequentemente sentia que tinha muitas qualidades, contudo 39% respondeu que raramente sentia que tinha qualidades, destacando-se aqui uma percentagem significativa.

Por último na afirmação “ não costumo fazer planos para o futuro”, a grande maioria (55%) verbalizou que nunca fazia planos para o futuro; 21% que raramente fazia planos para o futuro e 20% que era frequente fazer planos para o futuro (cf., Tabela 14).

Tabela 14

Avaliação de afirmações

	Sempre		Frequentemente		Raramente		Nunca	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Estou satisfeito/a com a minha aparência física	16	20	39	49	25	31	0	0
Sinto-me várias vezes sozinho/a	0	0	20	25	57	71	3	4
Não gosto de fazer desporto	14	18	9	11	8	10	49	61
Sinto que ninguém me compreende	0	0	31	39	47	59	2	3
Sinto que tenho muitas qualidades	5	6	42	53	31	39	2	3
Não faço projetos para o futuro	3	4	16	20	17	21	44	55

3.2. Caracterização dos comportamentos desviantes e/ou delinquentes dos adolescentes, nos últimos 12 meses

Tabela 15

Comportamentos desviantes e delinquentes

Comportamentos	Nunca		1 vez		2 ou 3 vezes		4 vezes ou mais	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Faltar ao respeito ou até agredir professores e funcionários	21	26	40	58	6	8	0	0
Faltar constantemente às aulas, reprovar por faltas	41	51	31	39	8	10	0	0
Fugas de casa	79	99	0	0	0	0	0	0
Ser suspenso ou expulso da escola	73	92	7	9	0	0	0	0
Fazer pirataria de filmes, músicas ou outros documentos	12	15	21	26	27	34	20	25
Danificar intencionalmente objetos de outrem	32	40	46	58	2	3	0	0
Envolvimento em lutas/pancadaria na escola, casa ou rua	26	33	40	50	14	18	0	0
Forçar a entrada em propriedades privadas	33	41	35	44	11	14	1	1
Envolvimento num grupo de amigos que se juntam p/ameaçar, agredir os outros	21	26	35	44	24	30	0	0
Venda de material roubado	67	84	12	15	1	1	0	0
Uso de armas ilegais	78	98	2	3	0	0	0	0
Venda/Tráfico de drogas	51	64	20	25	6	8	3	4
Prática de furtos	44	55	32	40	4	5	0	0

Analisando a tabela anterior (cf., Tabela 15) verifica-se que os comportamentos desviantes que mais se destacaram foram as faltas respeito ou até agressões a professores ou funcionários (58%), as faltas às aulas ou até mesmo reprovações (39%) sendo que a maior parte respondeu já o ter feito pelo menos uma vez em ambos os comportamentos. Ainda dentro neste tipo de comportamentos, destacou-se a prática frequente de piratagem de filmes, músicas ou outros documentos (39%) admitiu que já o fez duas ou três vezes; o dano intencional de objetos de outras pessoas (58%) respondeu que já o tinha feito pelo menos uma vez; o envolvimento em lutas, brigas e pancadaria dentro do espaço escolar (50%) admitiu que já teve envolvido nesses comportamentos pelo menos uma vez e (18%) respondeu já o ter feito duas ou três vezes e o envolvimento em grupos de pares antissociais que se juntam para ameaçar ou agredir os outros destaca-se (44%) respondeu que já o fez pelo menos uma vez e (30%) respondeu que já se envolveu mais de duas ou três vezes (cf., Tabela 15).

Por outro lado, relativamente aos comportamentos delinquentes que mais se destacaram entre os jovens foram a entrada em propriedades privadas (44%) respondeu que já o tinha feito pelo menos uma vez e (14%) respondeu que já o fez mais de duas ou três vezes; o envolvimento em tráfico de drogas (25%) respondeu que pelo menos uma vez já o tinha feito e (12%) respondeu já o tinha feito mais de uma vez (cf., Tabela 15). Dentro destes comportamentos destacou-se ainda a prática de furtos em que (40%) respondeu que pelo menos já cometeu um furto uma vez (cf. Tabela 15).

3.3. Caracterização dos comportamentos desviantes e/ou delinquentes dos adolescentes, em função do sexo

Comparando a média dos comportamentos desviantes/delinquentes admitidos pelos participantes com o sexo, encontramos diferenças parcialmente significativas, e em que os rapazes admitem mais (21.8) comparativamente com as raparigas (18.9) o recurso a algum tipo de comportamento desviante e/ou delinquente ($t(78)=2.842$, $p=.006$) (cf. Tabela 16).

De forma mais específica, foram encontradas diferenças de género estatisticamente significativas ao nível dos seguintes comportamentos: danificar intencionalmente objetos de alguém ($Z=-1.988$; $p=.047$); venda de algum tipo de material roubado ($Z=-2.850$; $p=.007$); tráfico/venda de drogas ($Z=-2.751$; $p=.006$); prática de algum tipo de furto ($Z=-1.924$; $p=.054$); prática de algum tipo de roubo (ex: assaltos a lojas, casas, carteiras) ($Z=-2.231$; $p=.026$) (cf. Tabela 17)

Tabela 16

Comparação dos comportamentos desviantes admitidos por rapazes e raparigas

	Rapazes (n= 45) Média (DP)	Raparigas (n= 35) Média (DP)	t(78)
Comportamentos desviantes e/ou delinquentes (score total)	21.8 (5.05)	18.9 (3.36)	2.842 ⁺

+ $p=.006$

Tabela 17 -

Comparação dos comportamentos desviantes admitidos por rapazes e raparigas

Comportamentos desviantes e/ou delinquentes	Rapazes (n= 45) Ordem Média	Raparigas (n= 35) Ordem Média	Z
5.1. faltar ao respeito ou até agredir professores e funcionários	43.11	37.14	-1.273
5.2. faltar constantemente às aulas, reprovar por faltas	42.07	38.49	-.761
5.3. fugas de casa	40.89	40.00	-.882
5.4. ser suspenso ou expulso da escola	42.33	38.14	-1.635
5.5. fazer piratagem de filmes, músicas ou outros documentos	43.97	36.04	-1.573
5.6. danificar intencionalmente objetos de alguém	44.43	35.44	-1.988*
5.7. envolvimento em lutas/pancadaria na rua, escola, casa	43.43	36.73	-1.401
5.8. forçar entrada em propriedades privadas	42.38	38.09	-.892
5.9. envolvimento num grupo de amigos que se juntam para ameaçar, agredir os outros	43.89	36.14	-1.584
5.10. venda de algum tipo e material roubado	44.68	35.13	-2.850*
5.11. uso de armas ilegais	41.28	39.50	-1.255
5.12. tráfico/venda de drogas	45.87	33.60	-2.751*
5.13. prática de algum tipo de furto	44.37	35.53	-1.92⁺
5.14. prática de algum tipo de roubo (ex: assaltos a lojas, casas, carteiras)	42.83	37.50	-2.231*

*p<.005

+ parcialmente significativo

4. Discussão dos resultados

Através da realização deste estudo comprovou-se que existem vários fatores que podem influenciar o comportamento dos adolescentes, nomeadamente alguns aspetos dentro do estilo de vida, tais como fatores familiares, escola e grupo de pares. Dentro dos fatores sociodemográficos verificou-se que a maior parte vivia com ambos os progenitores. Em termos de género a maior parte dos participantes eram do sexo masculino.

Em resposta ao primeiro objetivo deste estudo “caracterizar o estilo de vida dos participantes, atendendo ao seu funcionamento escolar, familiar, social e individual” a nível do seu funcionamento escolar verificou-se que houve um grande número de retenções escolares (e.g., uma grande parte já reprovou pelo menos uma vez). Outros estudos (e.g., Fernandes, 2012) comprovam que o desempenho escolar é crucial no combate a comportamentos antissociais sendo que quanto mais os alunos estiverem envolvidos na escola (e.g. possuírem bom ambiente escolar, participarem em atividades extracurriculares, apresentarem bons resultados) menor é a probabilidade de apresentarem comportamentos disruptivos.

Relativamente à prática de atividades extracurriculares, a maior parte respondeu que praticava, contudo uma parte não negligenciável dos participantes (46%) admitiu não praticar qualquer tipo de atividade extracurricular além dos estudos. Tais dados alertam para a necessidade de sensibilizar os pais para incentivarem os seus filhos a participar em alguma atividade extracurricular de forma a usufruírem de uma vida mais ativa, e além disto ajuda a reduzir os fatores de risco presentes nestas idades. Um estudo realizado por Simão (2005) que se centrou na análise da relação entre as atividades extracurriculares e o desempenho escolar, autoconceito, autoestima e motivação em estudantes dos 12 aos 17 anos verificou que a participação dos jovens em atividades extracurriculares acarreta benefícios para o seu desempenho escolar, promove sentimentos de autoconceito académico, a autoestima e mo-

tivação; aumenta as suas competências individuais tornando-os mais auto defensivos e previne sentimentos de fracasso através do desenvolvimento de objetivos de vida perante os estudantes, combatendo desta forma o desenvolvimento de comportamentos de risco e até mesmo desviantes.

Por outro lado, é sabido que um bom ambiente escolar contribui não só para o estabelecimento de relações interpessoais saudáveis entre alunos, professores e funcionários como também previne comportamentos violentos entre os jovens (Leão, 2010). No nosso estudo, uma percentagem significativa de alunos (31%) avaliou o seu ambiente escolar como razoável.

Relativamente à relação com os seus professores e funcionários a maior parte respondeu que se sentia bem com a relação que tinha com eles, contudo outra grande percentagem respondeu que tinham uma relação razoável e algumas discordâncias. Vários estudos científicos (e.g., Gallo & Williams, 2008) procuram demonstrar que existe uma relação entre a escola e o comportamento delinquente dos jovens, procurando traçar o perfil de adolescentes submetidos a medidas socioeducativas e a associação entre a escola e a diminuição de comportamentos delinquentes. Os resultados identificam que o facto do adolescente não frequentar a escola está associado com um número crescente de reincidências, o uso de drogas e o tráfico de armas ilegais e que comparativamente aos adolescentes que frequentavam a escola e que apresentavam sucesso escolar, assiduidade, boa relação com os colegas e professores, estes fatores diminuía a severidade do ato delituoso, o tráfico de armas ilegais e o consumo de drogas, havendo uma relação direta entre a escola e o comportamento delinquente. No que respeita ao género, os dados deste estudo demonstraram que havia uma maior prevalência de crimes cometidos pelo sexo masculino comparativamente ao sexo feminino, algo que também se verificou no nosso estudo.

No item sobre o aproveitamento escolar, a maioria considerou ter um aproveitamento escolar razoável associado à ausência de hábitos de estudo ou supervisão parental, o que se torna preocupante nestas idades. A literatura (e.g., Carvalho, 2012) comprova que quanto melhores forem os hábitos de estudo dos adolescentes melhores serão os seus resultados escolares.

Na questão da assiduidade, a maior parte respondeu ter uma boa assiduidade, contudo outra grande percentagem admitiu que poderia ter uma melhor assiduidade classificando-a como razoável. Neste sentido destaca-se o estudo de Abreu e Marturano (2010) que teve como objetivo perceber a associação entre os problemas de externalização e o baixo desempenho escolar dos adolescentes e o qual identificou uma grande co-ocorrência do insucesso escolar (e.g., maus resultados, faltas às aulas, falta de hábitos de estudo) e problemas de externalização e indica que esta associação é um mau prognóstico para as crianças que podem desenvolver transtornos psiquiátricos, problemas académicos e problemas de comportamento antissocial.

Relativamente ao envolvimento dos jovens em problemas no espaço escolar uma grande parte admitiu que já teve problemas neste âmbito, destacando-se o envolvimento em agressões físicas, verbais ou psicológicas com os colegas. Tais dados corroboram a literatura da especialidade, e a qual tem vindo a demonstrar que as crianças e adolescentes estão cada vez mais sujeitos a serem vítimas de *bullying* através de agressões físicas, verbais ou psicológicas por parte dos colegas estando sujeitas a comportamentos cruéis, humilhantes e intimidadores no espaço escolar tendo esses comportamentos repercussões futuras devido a um maior risco de adotarem esses mesmos comportamentos de violência na vida adulta (Leão, 2010).

Relativamente ao ambiente familiar e às atividades realizadas em família, uma grande parte dos jovens considerou-as como razoáveis, destacando-se aqui que a maior parte só faz atividades em família aos fins-de-semana (e.g., fazer tarefas em conjunto, conhecer locais novos, fazer almoços e jantares). A literatura (e.g., Formiga, 2005) indica que as condutas desviantes são um reflexo da falta de limites convencionais e do afastamento do vínculo afetivo, uma vez que os pais têm cada vez menos tempo para realizar tarefas em conjunto com os filhos e os filhos passam cada vez mais tempo na escola do que em casa sendo que isto pode constituir um fator de risco para a delinquência.

Na questão “abordar com os pais temas mais sensíveis” (e.g., sexualidade, namoro, amigos), a maior parte classificou este item como razoável, admitindo não se sentir muito à vontade para falar

de certos temas com os pais, considerando igualmente não existir muito diálogo entre eles e os progenitores. O nosso estudo vai de encontro aos dados de outras investigações (e.g., Lamberlan, Freitas, & Fukamori, 2000) que procuraram levantar os fatores associados ao relacionamento familiar que afetam o comportamento dos filhos adolescentes entre os 15 e os 21 anos, numa amostra de 317 estudantes. Os resultados revelam que tanto os pais como os amigos são fortes apoios para o adolescente e que um relacionamento familiar sustentável através da existência de diálogo e supervisão parental e a existência de um bom ambiente escolar diminuem o risco de comportamentos antissociais nos jovens (Lamberlan et al., 2000).

Por outro lado, verifica-se que a maior parte dos pais dos participantes não lhes atribui castigos caso não cumpram as regras estabelecidas, e que apesar da maioria admitir que os pais os incentivavam à prática de atividades extracurriculares, outra grande parte admitiu que raramente eram incentivados a qualquer prática de atividades extracurriculares. Dentro do contexto familiar podemos destacar o estudo qualitativo realizado por Oliveira, Bittencourt, e Carmo, 2008, que teve como objetivo descrever os fatores de risco e protetores associados ao uso de drogas e outros comportamentos desviantes na adolescência. Os resultados deste estudo identificaram que os fatores de risco que tem mais influência são: os pares, o meio e o uso de drogas por parte de familiares. Além disso, identificou que os fatores de proteção para o comportamento desviante passavam pelo estabelecimento de um maior diálogo entre os pais e o adolescente, a existência de atividades em família, e a imposição de regras de conduta de forma a prevenir comportamentos delinquentes futuros. Por outro lado, verificou-se também que apesar da maior parte admitir ter que informar os pais sobre as suas saídas à noite, uma grande parte dos jovens admitiu que raramente tinham que informar os pais sobre quem eram os seus grupos de pares, sobre os locais que frequentavam à noite e sobre as atividades que faziam com os amigos nessas mesmas saídas à noite. Este resultado pode estar relacionado com a idade dos jovens sendo que a maior parte dos participantes é maior de idade. A literatura dá cada vez mais importância a aspetos familiares de forma a combater a delinquência. Neste sentido, podemos destacar o estudo de Pacheco

(2004) que teve como objetivo comparar adolescentes infratores e não infratores quanto a variáveis familiares que podem estar relacionadas com o desenvolvimento de comportamento desviante. Os resultados confirmaram que as práticas parentais inefetivas, pouca supervisão parental, uso de castigos físicos, existência de conflitos na família e identificação com grupos de pares desviantes contribuem em 53% da variância do comportamento infrator, aumentando a probabilidade da sua ocorrência.

Relativamente à questão das atividades desportivas verificou-se um aumento crescente das idas ao ginásio em relação às outras atividades apresentadas. Contudo, verificou-se que grande parte dos jovens se caracterizam por hábitos muito sedentários, uma vez que 68% respondeu que não praticavam qualquer atividade física. Estes resultados vão de encontro aos resultados de um outro estudo (Júnior, Araújo, & Pereira, 2006) que teve como objetivo a análise das preferências por atividades físicas e desportivas durante a adolescência. Os resultados deste estudo demonstram que as idas ao ginásio e a musculação têm ganho maior importância perante a população jovem, havendo um aumento significativo desta atividade em relação a outras (e.g., futebol, voleibol, basquetebol) e que a prática de desporto constitui uma estratégia fundamental no combate aos fatores de risco associados à saúde mental e física dos jovens, pois além de diminuir as altas taxas de sedentarismo previne problemas de comportamento típicos da fase da adolescência.

Por outro lado, em relação à prática de atividades religiosas verifica-se que a maior parte não frequenta qualquer tipo de atividade religiosa. A literatura tem vindo a comprovar a relação entre as práticas religiosas e o comportamento delinquente. A título exemplificativo, Dalgarrondo, Soldara, Filho, e Silva (2004) procuraram verificar a prática de atividades religiosas e o uso frequente ou contínuo de álcool e drogas entre estudantes. A amostra foi constituída por 2.287 estudantes e os resultados apontaram que o uso contínuo de pelo menos uma droga foi maior entre os estudantes que tiveram uma educação na infância sem qualquer tipo de contacto com a religião. O uso de cocaína e ecstasy surge neste estudo mais associados a estudantes que não tiveram qualquer educação religiosa na infância. O estudo concluiu que existe uma relação direta entre vários fatores religiosos que se relacionam com o

uso de drogas por adolescentes, tendo a religião um efeito inibidor destes comportamentos e cada vez menos frequentada pelos jovens.

Relativamente à análise da prática das atividades individuais e de lazer, verificou-se que os jovens navegavam na internet, frequentavam redes sociais e viam programas televisivos todos os dias em detrimento de atividades como ler ou escrever ou até mesmo fazer desporto. Foi realizado um estudo (Figueiredo, Sousa, Teixeira, & Pinto, 2008) no âmbito das atividades de lazer que teve como objetivo avaliar os hábitos de exposição ao ecrã de crianças e adolescentes. Os resultados deste estudo identificaram que o tempo total de exposição ao ecrã contabilizou duas ou mais horas em 54% dos participantes, e que 32% passava menos de uma hora diária a praticar atividades desportivas e 50% despendia menos de uma hora diária a ler ou escrever. As conclusões deste estudo ditam que existe um excesso de tempo lúdico preenchido com meios audiovisuais em detrimento de outras atividades, o que constitui um fator de risco sério para a saúde das crianças e adolescentes e que os pais deveriam vigiar mais os filhos enquanto eles passam tempo nestas atividades (Figueiredo et al., 2008). Por outro lado, o aumento da prática de atividades de lazer em detrimento das atividades físicas constitui um fator de risco para a saúde das crianças e adolescentes, sendo que as atividades desportivas além de ajudar a controlar o peso, reduzem o risco de desenvolvimento de doenças cardiovasculares e previnem vários comportamentos de risco associados à adolescência (Santos, Folmer, & Puntel, 2013).

Relativamente às preferências dos locais das saídas à noite, os jovens dão preferência a locais de diversão noturna (e.g., bares, discotecas e pubs) em detrimento de locais mais calmos como (e.g., cafés, cinema ou teatro). Um estudo transversal (Malta, Mascarenhas, Porto, Duarte, Sardinha, Barreto, Neto, & 2011) realizado com uma amostra de 60.973 adolescentes teve como objetivo descrever a prevalência do consumo de álcool e outras drogas em estudantes e locais de saídas à noite. Os resultados apontaram que a experimentação de bebidas alcoólicas em idades precoces foi de 71.4%, e que o consumo regular de álcool rondava os 27.3%. Este estudo concluiu ainda que o uso de álcool e drogas na adolescência são frequentes e que o risco de consumo aumenta com as facilidades que eles tem em

comprar estas substâncias licitas e ilícitas em locais de diversão noturna, em festas, bares, discotecas e lojas de consumos ou até mesmo nas suas próprias casas (Malta et al., 2011).

Por outro lado, verificou-se que os jovens consumiram álcool ou drogas (e.g., axe, cannabis) nos últimos 12 meses, sendo que os locais mais prediletos para esses consumos (e.g., tabaco, álcool, drogas) variavam entre locais de diversão noturna (e.g., bares, discotecas) em casa e cafés locais. A literatura comprova que existe uma tendência cada vez maior para os comportamentos violentos, sendo estes mais frequentes nos jovens que estão mais envolvidos na vida recreativa noturna (Lomba, Apolo, Mendes, & Campos, 2011).

Relativamente aos consumos verificou-se uma elevada percentagem de fumadores na população jovem e outra grande parte consome álcool principalmente aos fins-de-semana. Relativamente às idades de experimentação de tabaco, álcool ou drogas (e.g., cannabis, axe, pólen) verificou-se que os jovens consomem em idades bastante precoces destacando-se os 10-14 anos e os 15-18 anos. Um estudo transversal (Strauch, Pinheiro, Silva, & Horta, 2009) de base populacional realizado entre 2005 e 2006 com 1.056 adolescentes dos 11 aos 15 anos teve como objetivo estimar a prevalência e os fatores associados ao uso de álcool por adolescentes. Os resultados deste estudo demonstraram que os adolescentes tendem a experimentar bebidas alcoólicas em idades cada vez mais precoces, sendo que a prevalência de álcool com 11 anos foi de 11.9%, sendo 21.7% do sexo feminino e 24.2% do sexo masculino. A principal conclusão deste estudo aponta que os adolescentes de ambos os sexos tendem a consumir álcool cada vez mais cedo, destacando-se os 11-15 anos de idade como faixa etária de risco (Strauch et al., 2009).

Relativamente ao consumo de “outras drogas”, apesar da maior parte responder que não consumia, uma grande parte admitiu que consumia pelo menos uma vez por semana, voltando-se a destacar percentagens preocupantes neste setor (28%). As drogas mais consumidas pelos adolescentes eram o cannabis, axe e pólen. Por outro lado, outro estudo de carácter descritivo transversal que (Baus, Kupek, & Pires, 2002) teve como objetivo analisar a prevalência e os fatores de risco associados ao

uso indevido de drogas entre 478 estudantes em idades entre os 13-15 anos e os 16-18 anos. Os resultados deste estudo comprovam que a prevalência do consumo de cannabis na vida foi de 19.9% e de álcool 86.8%. O consumo de álcool era elevado e frequente entre os adolescentes (mais de seis ou mais vezes por mês) e o consumo de cannabis também era frequente e elevado com 24.2%. Este estudo concluiu que existe uma alta taxa de prevalência do consumo de várias drogas entre os adolescentes em idades dos 13-15 anos e dos 16-18 anos, destacando-se o consumo de álcool, de cannabis e de tabaco (Baus et al., 2002). Um estudo longitudinal realizado por Fonseca (2010) teve como objetivo caracterizar o consumo de cannabis durante a adolescência e perceber as suas consequências a médio prazo na vida dos jovens. Os resultados apontaram que o cannabis é uma prática rara no final da infância e início da adolescência mas que vai aumentando com o passar da idade. Os resultados apontam que os consumidores de cannabis apresentam mais problemas na adoção de comportamentos antissociais e maior risco no envolvimento de outras drogas, ditas “duras”.

Através da análise dos resultados deste estudo verificou-se ainda que os jovens consideram que o consumo de drogas aumenta a probabilidade das pessoas se tornarem mais agressivas, envolvendo-se mais em conflitos. Por outro lado, apesar da maior parte admitir que considera que tem um estilo de vida saudável, outra grande percentagem (39%) admite não o ter por causa de vícios e falta de atividade física. Um estudo desenvolvido por Coutinho, Santos, Folmer, e Puntel (2013) que consistiu na análise da prevalência dos comportamentos de risco à saúde associados ao estilo de vida dos adolescentes demonstrou que os comportamentos de risco mais comuns nos adolescentes eram o consumo de substâncias, principalmente o álcool, e que era uma porta aberta para o consumo de drogas lícitas e ilícitas e o envolvimento em brigas, principalmente agressões corporais. Dando também importância ao facto dos adolescentes terem uma alimentação equilibrada e variada à base de legumes e verduras, sendo que este comportamento promove a saúde dos jovens e ajuda-os a manter um estilo de vida mais equilibrado na vida adulta. Neste sentido, os participantes apresentam uma alimentação variada entre carne e peixe, contudo a maior parte admite não comer nada a meio da manhã.

Em resposta ao segundo objetivo traçado inicialmente “analisar a frequência dos comportamentos desviantes ou delinquentes adotados pelos adolescentes nos últimos 12 meses” os resultados deste estudo revelam que, nos últimos 12 meses, o envolvimento em comportamentos antissociais destacou-se mais do que o envolvimento em atos delinquentes. Contudo, e se tomarmos em consideração os dados do Relatório Anual de Segurança Interna (2014) percebe-se que a delinquência juvenil aumentou 23.4% em 2014, apresentando mais 453 casos do que há dois anos (RASI, 2014). Esta desfasamento de dados poderá dever-se ao facto de os jovens, neste tipo de inquéritos, admitirem mais facilmente a prática de atos de menor gravidade, ao contrário daquilo que se verifica nos dados provenientes das estatísticas oficiais e os quais reportam, essencialmente, a criminalidade mais grave. Os comportamentos antissociais mais destacados no nosso estudo foram as faltas de respeito ou agressões a professores e funcionários (58%), o dano intencional de objetos de outra pessoa (58%) e o envolvimento em lutas, brigas ou pancadaria (33%), sendo que uma grande parte admitiu que já o tinha feito pelo menos uma vez. Os resultados vão ao encontro com o estudo de Dalosto e Alencar (2013) que teve como objetivo identificar o envolvimento dos jovens dotados com a prática de *bullying*. Os resultados identificaram que os comportamentos mais comuns nos jovens no meio escolar ou até na rua são as agressões físicas, desde socos, pontapés, empurrões às agressões psicológicas como humilhações, exclusão do grupo e danificar ou atirar objetos de outros intencionalmente, sendo estes comportamentos frequentes tanto entre alunos como também em professores e funcionários.

As principais dificuldades que os professores apresentam são a falta de apoio dos pais, falta de interesse dos alunos, agressões e desentendimentos entre alunos, comportamentos associados a faltas de respeito contínuas e relações entre alunos e professores muito conflituosas (Silva, 2011).

O comportamento violento do aluno está muitas vezes associado à falta de regras e limites por parte dos pais em que eles acabam por ter o mesmo comportamento que vivenciam no seu ambiente familiar (Silva, 2011).

Ainda dentro dos comportamentos antissociais, a maior parte dos jovens admitiu que fazia piratagem de músicas, filmes e outros documentos de forma frequente, sendo que estes dados podem estar relacionados com o uso excessivo de internet e computadores típicos dos comportamentos dos jovens de hoje em dia. Neste sentido, destaca-se um estudo que teve como objetivo caracterizar a delinquência juvenil, em dois grupos distintos, um grupo considerado normativo e outro grupo considerado de risco e perceber a influência que a vitimização infantil tem na delinquência juvenil. A amostra foi constituída por jovens dos 12 aos 16 anos de idade. Os resultados deste estudo identificaram que os comportamentos desviantes mais praticados pelos jovens são: o consumo de álcool e o *download* ilegal de filmes e músicas, iniciando-se muito precocemente (Costa, 2003). O nosso estudo apenas descreve a frequência com que ocorreram mas poder-se-ia num estudo posterior tentar correlacionar outras variáveis.

Relativamente ao envolvimento em grupos de pares antissociais que se juntam para ameaçar ou agredir os outros, a maior parte admitiu já se ter envolvido nestes grupos, uma ou mais vezes. O número de jovens que admitiu que se envolveu é preocupante e estes resultados vão de encontro com um estudo realizado por Dias (2012) que teve como objetivo analisar os fatores de risco e delinquência juvenil. Os resultados deste estudo revelaram que os jovens com comportamentos violentos são mais impulsivos e estão mais suscetíveis à influência do grupo de pares antissociais e que tanto no grupo de jovens delinquentes como no grupo de jovens não delinquentes ambos são muito suscetíveis à influência do grupo de pares que estão inseridos, não se tendo verificado diferenciação entre eles.

Por outro lado, os comportamentos delinquentes que se destacaram foram a prática de furtos (55%), e a entrada em propriedades privadas (44%) em que os jovens admitiram fazê-lo pelo menos uma vez. Estes resultados estão de acordo com os resultados do Relatório Estatístico da DGRS (2013) apenas na questão dos furtos e invasão de propriedades privadas que identificou que os tipos de crimes mais frequentes na população jovem, em 2013, foram os crimes contra o património (46%), destacando-se a subcategoria da prática de furtos, roubos e invasão de propriedade privada e os crimes

contra pessoas (44%) destacando-se a subcategoria de crimes contra a integridade física simples e grave.

Outro comportamento delinquente destacado foi o tráfico de droga, apesar da maior parte responder nunca ter traficado, outra grande percentagem admite tê-lo feito pelo menos uma vez (25%).

Voltam a destacar-se percentagens preocupantes no que se refere a esta problemática bastante comum na população jovem. Um estudo realizado por Martins (2007) que teve como objetivo identificar a primeira experiência do uso de drogas e do primeiro ato delinquente entre adolescentes do sexo masculino, dos 12 aos 21 anos em conflito com a lei. Os resultados do estudo revelam que os crimes mais comuns entre os adolescentes são o roubo (41%), o furto (40.7%) e o tráfico de drogas (29%), ocorrem em idades precoces, como o uso de drogas com idade média dos 13 anos. O estudo concluiu ainda que quanto maior for o envolvimento do adolescente nos consumos maior é a probabilidade de se envolver em atos delituosos.

Relativamente ao último objetivo “comparar a frequência dos comportamentos desviantes/e ou delinquentes dos participantes do sexo masculino com a dos participantes do sexo feminino”, encontramos diferenças parcialmente significativas, e em que os rapazes admitem mais (21.8) comparativamente com as raparigas (18.9) o recurso a algum tipo de comportamento desviante e/ou delinquente. Também um outro estudo relativamente recente (Neves, 2013) concluiu que os rapazes apresentam valores médios superiores às raparigas em ambos os comportamentos, tanto nos antissociais como nos delinquentes.

De forma mais específica, no nosso estudo foram encontradas diferenças de género estatisticamente significativas ao nível dos seguintes comportamentos: danificar intencionalmente objetos de alguém; venda de algum tipo de material roubado; tráfico/venda de drogas; prática de algum tipo de furto; prática de algum tipo de roubo (e.g., assaltos a lojas, casas, carteiras). Também no estudo conduzido por Carvalho (2004) o sexo masculino destaca-se mais no envolvimento de crimes do que o sexo feminino; os rapazes cometem mais ilícitos contra o património e no tráfico de drogas, atuando

quase sempre em grupo; o sexo feminino pratica mais crimes associados a consumos de drogas “du-ras”, práticas de mendicância e prostituição.

Também no estudo de Braga e Gonçalves (2014) os atos delinquentes eram mais comuns entre jovens do sexo masculino, contudo quando as mulheres se envolviam faziam-no de forma tão frequente quanto os homens. Em relação ao crime no tráfico de drogas, o nosso estudo aponta para um maior envolvimento por parte do sexo masculino, sendo que a literatura (e.g., Dutra, 2006) confirma que houve um aumento da criminalidade feminina associado ao crime do tráfico de drogas e que a causa está ligada ao seu contexto social.

No entanto, a prática deste crime está muitas vezes relacionada com as suas relações íntimas em que a mulher é influenciada pelo parceiro a participar também no tráfico (Dutra, 2006).

5. Conclusões

São vários os estudos que tentam compreender o fenómeno da delinquência juvenil havendo cada vez mais necessidade de definir estratégias de combate a esta problemática que se afigura de elevada prevalência na nossa sociedade. Por outro lado, a literatura aponta para um maior envolvimento do sexo masculino na criminalidade também na população jovem (Cusson, 2007).

Pese embora, o presente estudo seja sobretudo de carácter descritivo, considerámos que o mesmo se revelou particularmente útil na caracterização do funcionamento social, escolar, familiar da população jovem de Ponte de Lima, permitindo assim identificar os fatores de risco para o desenvolvimento de condutas antissociais. Só deste forma será possível partir para a criação e implementação de estratégias de combate dos comportamentos problemáticos, antissociais e delinquentes . De referir que esta localidade é rica em vários espaços verdes e de lazer, contudo alguns deles apresentam-se bastante isolados e com pouca vigilância o que poderá facilitar alguns consumos de substâncias e comportamentos disruptivos por parte dos jovens, algo que importa também considerar no momento da elaboração de estratégias preventivas destas problemáticas.

Com a realização deste estudo percebe-se que existe uma percentagem bastante elevada de jovens consumidores de tabaco, álcool e cannabis em idades bastantes precoces, comportamentos que podem estar relacionados com algumas práticas parentais menos assertivas, como a falta de tempo para conviver com os filhos e a ausência de supervisão parental.

Verificou-se também que os jovens saem cada vez mais em grupos de amigos e associam-se cada vez mais a grupos de pares com comportamentos antissociais, tanto na escola como em saídas

noturnas. Por outro lado, verificou-se também uma percentagem bastante elevada de jovens que passam demasiadas horas na internet em detrimento de outras atividades extracurriculares, desportivas e de lazer.

Ao longo da realização deste estudo foram encontradas várias limitações, uma delas prende-se com o facto de ser um tema sensível para uma localidade pequena em que alguns pais não deram o consentimento para a participação no estudo, mesmo depois de lhes ser explicado que a identidade dos participantes não seria revelada. O facto de ser um estudo exploratório e não ser representativo também é outra limitação deste estudo, uma vez que não sendo representativo não se poderá generalizar os resultados à população geral. Por outro lado, a amostra afigura-se modesta e seria útil em estudos futuros ter uma amostra mais alargada; depois o facto de se tratar de um estudo maioritariamente descritivo, pelo que seria igualmente útil a realização de estudos correlacionais e até mesmo longitudinais, que permitissem compreender a evolução dos comportamentos problemáticos até à idade adulta.

Através dos dados obtidos na realização deste estudo e verificando-se a presença de vários tipos de comportamentos antissociais (e.g., agressões físicas com colegas, professores; faltas às aulas; consumos de álcool e drogas) e até delinquentes (e.g., tráfico de droga, furtos, entrada em propriedades privadas) nesta localidade é necessário apostar cada vez mais na prevenção deste tipo de comportamentos, atuando não só nos espaços escolares mas também junto das famílias.

Por outro lado, devido à vasta informação associada ao questionário administrado este estudo torna-se uma mais valia para futuras investigações nesta localidade, podendo mesmo serem desenvolvidos estudos mais correlacionais e tentar perceber a associação entre outras variáveis.

Assim podem ser realizados vários programas de prevenção de comportamentos de risco associados à adolescência e atuar mais diretamente junto do adolescente, criando uma relação de confiança com ele (Gomes, 2013).

A realização de programas de mediação escolar contribuiu para a resolução de conflitos de forma positiva na escola e tem-se mostrado uma mais valia no combate à delinquência. O espaço escolar é centro de vários conflitos interpessoais desde situações de indisciplina, bullying, insucesso ou abandono escolar e violência entre pares em que a maior parte deste comportamentos se devem a fatores externos (e.g., violência doméstica, álcool, tráfico e consumo de droga, fracas relações parentais, desemprego, condições económicas desfavoráveis, entre outros) sendo necessário atuar na prevenção destes casos (Tomás, 2010).

Para concluir, sublinhar a importância de se apostar essencialmente em medidas de intervenção precoces da delinquência de forma a que este tipo de comportamentos não progridam para a vida adulta (Gomes, 2013), sabendo-se ainda que é mais fácil intervir precocemente no problema, sob pena de muitas condutas regidificarem-se e tornarem mais árduo o processo interventivo e reeducativo.

Referências

- Baus, J., Kupek, E., & Pires, M. (2002). Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. *Rev Saúde Pública*, 36(1), 40-6.
- Braga, T., & Gonçalves, R. J. A. (2014). Delinquência juvenil: da caracterização à intervenção. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente. Lisboa*, 4 (1) 2013
- Brusamarello, T., Maftum, M. A., Mazza, V. A., da Silva, Â. G., da Silva, T. L., & de Oliveira, V. C. (2011). Papel da família e da escola na prevenção do uso de drogas pelo adolescente estudante. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 9(4), 766-773.
- Born, M., Chevalier, V., & Humblet, I. (1997). Resilience, desistance and delinquent career of adolescent offenders. *Journal of adolescence*, 20(6), 679-694.
- Carli, P. A educação enquanto ferramenta de inclusão social e prevenção da delinquência juvenil. *Revista eletrônica Agora*, 125-131.
- Carvalho, M. J. L., & Strecht, P. (2003). *Entre as malhas do desvio: Jovens, espaços, trajetórias e delinquências*. Celta: Coimbra
- Carvalho, P. D. S. (2012). *Hábitos de estudo e sua influência no rendimento escolar*. Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Cassimiro, A. R. (2009). A importância da Prevenção na luta contra as drogas. Pós-graduação em execução de políticas de segurança pública. Academia Nacional de Policia, Brasília
- Centers for Disease Control na Prevention (1965) [on line] Retirado de endereço eletrônico: <http://www.cdc.gov/tobacco/about/index.htm> [Consultado em 20 de Maio 2015]*
- Collingwood, T. R. (1997). Providing physical fitness programs to at-risk youth. *Quest*, 49(1), 67-84.

[3D20%26p_p_action%3D1%26p_p_state%3Dexclusive%26p_p_mode%3Dview%26p_p_col_id%3D%26p_p_col_pos%3D0%26p_p_col_count%3D0%26_20_struts_action%3D%252Fdocument_library%252Fget_file%26_20_folderId%3D45%26_20_name%3DRelat%25C3%25B3rio%2BEstat%25C3%25ADstico%2B2013%2B-%2Breinser%25C3%25A7%25C3%25A3o%2Bsocial.pdf&ei=_G6EVdf_Fsy5sQGRzZDIDg&usg=AFQjCNHgL9LGD8X7z5etYj2F4abQbTIT3g&sig2=pzjwYFXB56frLtSziHVQtw](#) [Consultado em

10 de Maio 2015]

Domingues, M. R. C., & Domingues, T. L. C. (2007) Adolescência: mudança e definição. Revista Científica do Unisalesiano – Lins – SP, ano 2, n.5, Edição Especial. 612-618

Duchare, M., Cruz, O., Marinho, S. & Grande, C. (2012). Estilos de vida adolescente: exploração de rotinas diárias à semana e ao fim de semana. *Revista AM Azônica, Lape-saM/GWPEPPE/UFAM/CNPq/EDUA – ISSW 1983-3915 Ano 5, vol VIII, nº 1, pp. 149-172.*

Dutra, T. C. A criminalidade feminina com relação ao tráfico de droga frente à Lei 11.343/06. Retirado de

https://www.google.pt/?gfe_rd=cr&ei=vo6qVYjEluWr8weXtY4Q&gws_rd=ssl#q=Dutra%2C+T.+2006+tr%C3%A1fico+de+droga+pdf

Fabretti, H. B. (2007). A teoria do crime e da pena em Durkheim: uma concepção peculiar do delito. *Mackenzie, São Paulo, (4) 5-25*

Farrington, D. (2009). Crime Prevention. In J. Miller (Ed.), *21 st Century Criminology: A reference handbook* (pp.628-637). Thousand Oaks: SAGE Publications

Farrington, D. P., Loeber, R., & Berg, M. T. (2012). Young Men Who Kill A Prospective Longitudinal Examination From Childhood. *Homicide studies, 16(2)*, 99-128.

- Faria, M. S., & Leão, B. I. (2004). Adolescência: Um conceito de estágio de desenvolvimento psicossocial definido historicamente. UFMS, Brasil.
- Fernandes, I. A. S. (2012). *Delinquência juvenil: Vinculação aos pais e educação parental*. Mestrado Universidade do Porto, Porto
- Ferreira, M., & Nelas, P. B. (2006). Adolescências... Adolescentes... Instituto Politécnico de Viseu, Viseu.
- Ferreira, P. M. (1997). «Delinquência juvenil», família e escola. *Análise Social*, 913-924.
- Figueiredo, M., Sousa, C., Teixeira, C., & Pinto, F. (2008). Hábitos de exposição ao ecrã de uma população pediátrica de uma área urbana. *Revista Nascer e crescer do hospital de crianças maria pia ano 2008*, vol XVII, n.º 4. 224-227
- Fonseca, A. C. (2010). O consumo de cannabis na adolescência: dados de um estudo português. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, (44-2), 61-79.
- Fonseca, C., & Borja, M. T. (2010). Perturbação de personalidade antisocial: enquadramento jurídico-legal. *Psicologia. pt-O Portal dos Psicólogos*.
- Freitas, M. V. D., Abramo, H. W., & León, O. D. (2005). Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. *Revista Caminhos de Geografia Uberlândia v. 12, n. 37*. 142 - 161
- Freitas, O., & Ramires, J. C. (2011). Políticas publicas de prevenção e combate à criminalidade envolvendo jovens. *Caminhos de Geografia*, 12(37).
- Gallo, A. E., & Williams, L. C. D. A. (2008). A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Cadernos de pesquisa*, 38(133), 41-59.
- Gomes, R. I. D. A. A. (2013). Diminuindo a Delinquência Juvenil. Projeto de Graduação. Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Gonçalves, R. A. (2002). Delinquência, crime e adaptação à prisão. *Quarteto*, 74-79

- Grosso, L. A. (2010). Condición juvenil y modelos contemporáneos de análisis sociológico de las juventudes. *Última década*, 18(33), 11-26.
- Guimarães, A. B. P., Hochgraf, P. B., Brasiliano, S., & Ingberman, Y. K. (2009). Aspectos familiares de meninas adolescentes dependentes de álcool e drogas.
- Humanidades, A. Manual de prevenção do uso de drogas para mediadores. *Rio de Janeiro: Humanus.[online]* Disponível em: < www.humanus.pt/download.php. [Consultado em 15 de Junho 2015]
- Instituto Nacional de Estatística [online] Retirado de endereço eletrônico: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_base_dados&contexto=bd&selTab=tab2 [Consultado em 20 de Maio 2015]
- Júnior, M. R. D. A., Araújo, C. L. P., & Pereira, F. M. (2006). Atividades físicas e esportivas na adolescência: mudanças de preferências ao longo das últimas décadas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 20(1), 51-58.
- Keenan, K., Tremblay, R. E., Coie, J. D., Herrenkohl, T. I., Loeber, R., & Petechuk, D. (2003). *Risk and protective factors of child delinquency*. Washington: US Department of Justice, Office of Justice Programs, Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention.
- Kleinknecht, S., Hung, K., & Gabor, T. (2003). *The correlates of self-reported delinquency: An analysis of the National Longitudinal Survey of Children and Youth*. Ottawa, Ontario: Department of Justice Canada.
- Leão, L. G. R. (2010). O fenômeno Bullying no ambiente escolar. *Revista FACEVV, Vila Velha*, (4), 119-135.
- Lemos, I. T. (2010). Risco psicossocial e psicopatologia em adolescentes com percurso delinquente. *Análise Psicológica*, 28(1), 117-132.

- Lisboa, Â. M. P. (2008). *A pobreza, um livre trânsito para a delinquência juvenil?*. Universidade Técnica, Lisboa
- Lomba, L., Apóstolo, J., Mendes, F., & Campos, D. C. D. (2011). Jovens portugueses que frequentam ambientes recreativos nocturnos. Quem são e comportamentos que adoptam. *Toxicodependências*, 17(1), 3-15.
- Luzes, C. A. (2010). Um olhar psicológico sobre a delinquência. *Psicologia. pt-O Portal dos Psicólogos*.
- Malta, D. C., Mascarenhas, M. D. M., Porto, D. L., Duarte, E. A., Sardinha, L. M., Barreto, S. M., & Morais Neto, O. L. D. (2011). Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. *Rev Bras Epidemiol*, 14(1), 136-46.
- Martins, M. C. *A primeira experiência do uso de drogas e o ato infracional entre os adolescentes em conflito com a lei*. Universidade de São Paulo, Brasil
- Matos, M. G. (2008). Consumo de substâncias: Estilo de vida? À procura de um estilo?. Coleção Estudos Universidades. Instituto da Droga e Toxicodependência, Lisboa
- McGregor, C., Gately, N., Kraemer, S., & Kessell, J. (2010). Youth Offenders Risk Identification (YORI): A screening tool for youth offenders. Western, Australia
- Mendes, S. M. (1997). Análise económica do crime e o seu contributo para a definição de uma política penal. Universidade do Minho, Braga
- Meyer, M. (2003). Guia prático para programas de prevenção de drogas. *São Paulo: Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein. Departamento de Saúde Mental*. 2-26
- Ministério da Justiça – Justiça Secretaria Nacional de Justiça (2009). Normas e princípios sobre as Nações Unidas sobre a Prevenção ao Crime e Justiça Criminal. [on line] Retirado de endereço eletrónico: https://www.google.pt/?gws_rd=ssl#q=Normas+e+principios+sobre+as+na%C3%A7oes+unidas+sobre+a+preven%C3%A7ao+ao+crime+e+justi%C3%A7a+criminal [Consultado em 25 de Maio 2015]

- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological review*, 100(4), 674.
- Morais D., M., & Alencer, E. M. L. S (2013). Manifestações e Prevalência de Bullying entre alunos com altas Habilidades/superdotação. *Revista Brasil. Ed. Esp., Marília*, v. 19, n. 3, p. 363-378.
- Moreira, O. J., Rosário, B. A. & Santos, P. A. (2011). Juventude e adolescência: Considerações preliminares. *Psico*, v.42, n.4, pp. 457 – 464
- Morris, V. R. (2008) Anomia y criminalidad. *Revista Criminalidad, Estudios Criminológicos, Universidade Nacional*, Colombia, 321-331
- Nações Unidas sobre Drogas e Crime (2010). Ferramenta de Avaliação de Prevenção do Crime. on line]
- Retirado de endereço eletrônico:
- http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.unodc.org%2Fdocuments%2Fjustice-and-prison-reform%2Fcrimeprevention%2F10-55975_Ebook.pdf&ei=DVOEVYOPA7OM7AaIwIM4&usg=AFQjCNEaXN22vzbjELEJiY6BtBvE8H1qNw&sig2=GSCDm9qCrah2tdnqHveyFA&bvm=bv.96042044,d.ZGU [Consultado em 10 de Maio 2015]
- Negreiros, J. (2001). Delinquências Juvenis. Editorial Noticias, Lisboa
- Newman, K., Harrison, L., Dashiff, C., & Davies, S. (2008). Relationships between parenting styles and risk behaviors in adolescent health: an integrative literature review. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 16(1), 142-150.
- Neves, A. D. O. (2013). Impulsividade, percepção das práticas educativas parentais, comportamentos antissociais e delinquentes em adolescentes: uma amostra em contexto escolar. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Lisboa.

Oliveira Barbosa, G. M. Anomia, Direito e Pós-modernidade. Mestrado em Direito Constitucional. Universidade Federal do Ceará, Brasil

Oliveira, E. B. D., Bittencourt, L. P., & Carmo, A. C. D. (2008). A importância da família na prevenção do uso de drogas entre crianças e adolescentes: papel materno. *SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas*, 4(2), 45-100.

Oliven, R. G. (2009). *Metabolismo social da cidade e outros ensaios*. SCIELO- Centro Edelstein

Pacheco, J. T. B. (2004). *A construção do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais: Uma análise a partir das práticas educativas e dos estilos parentais*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Pais, J. M. (1990). A construção sociológica da juventude—alguns contributos. *Análise social*, 139-165.

Paiva, L. J. (2012). A construção histórica da adolescência e a sua abordagem jurídica. *Revista Eletrônica Jurídica*, 1(1). 12-14, Brasil

Paula, T. B. (2013) *Criminologia: estudo das escolas sociológicas do crime e da prática de infrações penais*. São José Rio Preto, Centro Universitário do Norte Paulista, Brasil

Perista, H., Cardoso, A., Silva, M., & Carrilho, P. (2012). *Delinquência e Violência Juvenil em Portugal: Traçando um retrato a diferentes vozes*. CESIS

Polícia Segurança Pública. Programa “Escola Segura”. [on line] Retirado de endereço eletrônico: <http://www.psp.pt/pages/programasespeciais/escolasegura.aspx?menu=4> [Consultado em 10 de Maio 2015]

Pral, C. (2007). Oportunidade e risco: Suporte social e factores psicossociais associados ao fenómeno da delinquência juvenil. Dissertação de Mestrado em Psicologia Legal do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Brasil

Procuradoria Geral Distrital [on line] Retirado de endereço eletrónico: http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_main.php [Consultado em 13 de Maio 2015]

Programa Escolhas. (2014). Relatório de Atividades de 2014. [on line] Retirado de endereço eletrónico: http://issuu.com/comunicacaope/docs/pe_relatorio2014_issuu/1 [Consultado em 11 de Maio 2015]

Quade, M. (2011). A implementação de políticas públicas de prevenção da criminalidade: estudo de Caso no Centro Educativo da Bela Vista e no Centro Educativo Padre António de Oliveira. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa

Reis, S. C. (2014). A Juventude Criminalizada. In Centro de Investigação em Inovação Social e Organizacional. Questões jurídicas: Perspetivas atuais (pp. 20 – pp. 30). Instituto Superior Bissaya Barreto, Coimbra

Rocha, A. P. R., & Garcia, C. A. (2008). A adolescência como ideal cultural contemporâneo. *Psicologia: ciência e profissão*, 28(3), 622-631.

Salmerón, J. C. (2012). Protegernos de los jóvenes. *Crítica Penal y Poder*, (2). Revista Crítica Penal y Poder 2012, nº 2, (pp. 232) Observatorio del Sistema Penal y los Derechos Humanos Universidad de Barcelona

Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33-41.

Santana, M. S. (2011). A categoria Juventude na pesquisa histórica: notas metodológicas. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo

Santos, C. (2010). Direito de Menores. Edições Almedina (6) , Coimbra, pp. 85-109

Santos, S. (2011). O papel da GNR no combate à delinquência juvenil. Academia Militar, Lisboa

Serviço de Intervenção dos comportamentos aditivos e nas dependências: Divisão de Estatística e Inovação e Divisão de Informação e Comunicação (2013). Relatório Anual do País – Situação do país em matéria de drogas e toxicodependências. [on line] Retirado de endereço eletrónico: http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCYQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.sicad.pt%2FBK%2FInstitucional%2FInstrumentos%2FRelatoriosAtividade%2FLists%2FSICAD_RELATORIOSATIVIDADES%2FAttachments%2F11%2FRA_2013_SICAD.pdf&ei=yG2EVdaqH4HvsAG-yIG4Cg&usg=AFQjCNHt99dvYy_1v3cUk6FYGTMyTc1Gg&sig2=tVnrj4D4pZqFSNvoL7Nr9w [Consultado em 10 de Maio 2015]

Silva, D., Barroso, J., Córias, J. O., & Costa, R. B. (1995). Os jovens e a justiça. – atas do congresso Apport Lisboa Edição: associação dos psicólogos portugueses, 45-54.

Sento-Sé, J. T. (2011). Prevenção ao crime e teoria social. *Lua Nova*, 83(83), 9-40.

Silva, D. A. S., Lima, J. D. O., Silva, R. D. S., & Prado, R. L. (2009). Nível de atividade física e comportamento sedentário em escolares. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum*, 11(3), 299-306.

Silva, R. C. & Lopes, E. R. (2009). Adolescência e Juventude: Entre conceitos e Políticas Públicas. Dissertação de Mestrado no Programa Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos.

Silva, J. G. D., Teixeira, M. L. D. O., & Ferreira, M. D. A. (2012). Alimentação e saúde: sentidos atribuídos por adolescentes. *Esc Anna Nery*, 16(1), 88-95.

Silva Dias, M. D. C. (2012). Factores de risco na delinquência juvenil: o grupo de pares, a impulsividade e o consumo de drogas. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Porto.

Simão, R. (2005). A Relação entre Atividades Extracurriculares e o Desempenho Académico, Motivação, Autoconceito, e Auto-Estima dos alunos. *Monografia da Licenciatura em Psicologia, Instituto Superior de Psicologia Aplicada*.

Sistema de Segurança Interna (2014). Relatório Anual de Segurança Interna 2014. [on line] Retirado de endereço eletrônico:
<http://www.dgsi.pt/bpjl.nsf/83cbe9acef94db5a8025730800549412/582584a3271e580780257e200037575a?OpenDocument> [Consultado em 10 de Maio 2015]

Soares, N. (2005). Comprovando a hipótese do compromisso convencional: influência dos pares sacionormativos sobre as condutas desviantes em jovens. *Psicologia Ciência e Profissão*, 25(4), 601-613.

Soeiro, A. C. (1995). *Psicodrama e psicoterapia*. Editora Agora.

Soldera, M., Dalgalarrodo, P., Corrêa Filho, H. R., & Silva, C. A. (2004). Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. *Rev Saúde Pública*, 38(2), 277-83.

Sousa, P. M. L. (2006). Desenvolvimento moral na adolescência. Portal dos Psicólogos. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Strauch, E. S., Pinheiro, R. T., Silva, R. A., & Horta, B. L. (2009). Alcohol use among adolescents: a population-based study. *Revista de Saúde Pública*, 43(4), 647-655.

Svensson, R., & Pauwels, L. (2008). Is a risky lifestyle always "risky"? The interaction between individual propensity and lifestyle risk in adolescent offending: A test in two urban samples. *Crime & Delinquency*. [on line] Retirado de endereço eletrônico:
http://www.academia.edu/3836447/Is_a_Risky_Lifestyle_Always_Risky_The_Interaction_Between_Individual_Propensity_and_Lifestyle_Risk_in_Adolescent_Offending_A_Test_in_Two_Urban_Samples [Consultado em 10 de Abril 2015]

- Teixeira, A. (2012). A adolescência e a juventude como culturas. Os quadros sociais da experiência crente. *Theologica*, 47(1), 99-114.
- Martins, G., & Theóphilo, C. (2007). *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. São Paulo: Editora atlas
- Tomás, C. A. R. (2010). Mediação escolar-para uma gestão positiva dos conflitos. Relatório de estágio do Mestrado em Sociologia. FEUC, Coimbra.
- Unicef. (2009). Situação mundial da infância. B&C Revisão de Textos [on line] Retirado de endereço eletrónico: <http://193.136.21.50/handle/10961/175>
- United Nations. Dept. of Economic. (2005). *World Youth Report, 2005: Young People Today and in 2015*. United Nations Publications. 2-15
- Wasserman, G. A., Keenan, K., Tremblay, R. E., Coie, J. D., Herrenkohl, T. I., Loeber, R., & Petechuck, D. (2003). Risk and Protective Factors of Child Delinquency. OJJDP Child Delinquency Bulletin Series.
- Velho, G. (1979). *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Vieira, S. (2014). Representações sociais sobre a delinquência juvenil: estudo comparativo entre duas amostras de estudantes pós-graduados. Mestrado em Antropologia, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa
- Zamberlan, M. A. T., Freitas, M. G. D., & Fukamori, L. (1999). Relações pais e filhos adolescentes e estratégias de prevenção a riscos. *Paidéia*, 9(17), 35-49.
- Zappe, J. & Dias, A. (2010). Delinquência juvenil na produção científica nacional: Distâncias entre dados científicos e intervenções concretas. *Barbaroi*. 2010, n.33, pp. 82-103.

Anexos



Universidade Fernando Pessoa
www.ufp.pt

INSTRUÇÕES

Esta investigação está a ser desenvolvida pela Universidade Fernando Pessoa, no âmbito do Mestrado em Psicologia Jurídica pela aluna Ana Cristina Martins, sob orientação da Professora Doutora Sónia Caridade.

Com este questionário pretendemos conhecer o teu estilo de vida e em que medida este se relaciona com os teus comportamentos.

Este questionário dirige-se a adolescentes com idades compreendidas entre os 13-18 anos de idade.

A participação neste estudo é voluntária.

Apenas os investigadores envolvidos no projeto terão acesso aos dados e, por isso, as respostas são totalmente confidenciais e anónimas. Por favor, não escrevas o teu nome ou outro elemento de identificação em nenhuma das páginas apresentadas.

O preenchimento do questionário terá a duração aproximada de 15 minutos.

Caso aceites participar, deverás antes de mais prestar o teu consentimento (onde se lê Consentimento Informado).

Por favor, lê com atenção as instruções antes de começar o teu preenchimento e preenche apenas uma vez.

Questões adicionais sobre o estudo deverão ser dirigidas aos autores, a partir do seguinte endereço de correio eletrónico: 21380@ufp.edu.pt ou anacristinabarrosmartins@hotmail.com ou por contato telefónico: 967877910.

Desde já agradecemos a tua atenção e colaboração!

CONSENTIMENTO INFORMADO

Declaro ter sido informado(a) e estar ciente dos propósitos e termos em que decorrerá o presente estudo (ex.: objetivos, metodologia), da participação voluntária no mesmo, dos limites da confidencialidade e das demais questões, tendo-me sido prestados todos os esclarecimentos que solicitei a participar de forma voluntária.

Como tal, ao colocar uma cruz no quadrado que se segue, disponho-me a participar no mesmo e a responder de forma sincera.



Data: / /

QUESTIONÁRIO SOBRE ESTILOS DE VIDA E COMPORTAMENTOS JUVENIS

Ana Cristina Martins e Sónia Caridade – Universidade Fernando Pessoa

1. CARATERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

1.1. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

1.2. Idade _____ (anos)

1.3. Ano de Escolaridade: _____

1.5. Residência:
Concelho: _____

1.4. Curso _____

Área: ☐ Rural ☐ Urbana

1.6. Agregado familiar (assinala as opções que se verificarem no teu caso):

1.7. Nacionalidade:

- Sozinho
- Pai
- Mãe
- Irmãos: indica quantos: _____
- Outros familiares: indica quem: _____

- Portuguesa
- Outra: _____

2. FUNCIONAMENTO ESCOLAR/OCUPACIONAL

Se **ÉS ESTUDANTE**, responde a esta secção, na qual irás encontrar algumas questões sobre o teu percurso e rendimento escolar. Procura responder a todas as questões.

2.1. Já alguma vez reprovaste de ano?

☐ Não ☐ Sim. Se sim, indica quantas vezes: _____

2.2. Além dos estudos, tens alguma outra atividade em paralelo?

☐ Não ☐ Sim. Se sim, indica qual: _____

2.3. No diz respeito ao **Ambiente e Funcionamento Escolar**, como classificas os seguintes aspetos?

	Muito Bom	Bom	Razoável	Mau	Muito Mau
Ambiente escolar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Relação com os teus professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Relação com os funcionários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Relação com os/as teus/tuas colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aproveitamento/rendimento escolar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Assiduidade/frequência às aulas/escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Participação ativa nas aulas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Hábitos de estudo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.4. Já estiveste envolvido/a em algum **problema ocorrido na escola**?

☐ Não ☐ Sim. Se sim, descreve que tipo de problema foi: _____

2.5. Se pudesses **mudar algo na tua escola**, o que mudarias?

1. _____
2. _____

3. FUNCIONAMENTO FAMILIAR

Irás agora encontrar um conjunto de questões relativas à tua família, pelo que deverás procurar responder a todas.

3.1. Os teus pais ou pessoas com quem vives têm emprego?

☐ Não ☐ Sim. Se sim, indica qual a atividade desempenhada por cada um deles: _____

3.1. No que respeita às **relações e dinâmicas familiares**, como classificas os seguintes aspetos?

	Muito Bom	Bom	Razoável	Mau	Muito Mau
Relação <u>com os teus</u> pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Relação <u>entre os teus</u> pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Relação <u>com os teus irmãos</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ambiente familiar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Existência de atividades/convívios em família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Abertura para se abordarem/debaterem temas mais sensíveis (ex.: sexualidade, relações de namoro)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.2. No que respeita **a regras e rotinas familiares**, como classificas os seguintes aspetos?

	Sempre	Frequentemente	Raramente	Nunca
Imposição de regras no dia-a-dia (ex.: horas para levantar, deitar)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Imposição de tarefas/obrigações no dia-a-dia (ex.: arrumar o quarto)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ter de pedir permissão para sair à noite	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Imposição de horários para entrar em casa à noite	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Existência de castigos/sanções perante incumprimentos de regras/obrigações	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Definição de horários para o estudo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Incentivo à prática de algum tipo de atividade extracurricular (ex.: futebol, piscina ou outras)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ter que informar os pais/adultos com quem vives sobre <u>quem são os colegas/pares</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ter que informar os pais/adultos com quem vives <u>sobre os locais que frequentas à noite</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ter que informar os pais/adultos com quem vives <u>sobre as actividades que realizas com os teus colegas/pares</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.3. Os teus **pais/pessoas com quem vives** já tiveram algum **problema com a justiça, nos últimos 12 meses**?

• Não ☐ Sim. Se sim, descreve que tipo de problemas foram: _____

3.4. Se pudesses mudar algo na tua família, o que mudarias?

1. _____

2. _____

4. ESTILO DE VIDA E OCUPAÇÃO DE TEMPOS LIVES

Nesta secção, estamos interessados com perceber o teu estilo de vida e como ocupas os teus tempos livres, pelo que deverás responder a todas as questões.

4.1. **Com quem** costumavas passar os teus tempos livres?

- Pais
- Amigos
- Sozinha/o
- Avós
- Outra/o: indica quem _____

4.2. **Onde** costumavas passar os teus tempos livres?

- Em casa
- No café
- Na escola

4.3. Com que frequência é que realizas as seguintes **atividades nos teus tempos livres?**

Atividades realizadas Assinala um X nas opções que se verificarem	Todos os dias	Mais do que uma vez por semana	Uma vez por semana	Só aos fins-de-semana	Nunca
ATIVIDADES DESPORTIVAS					
Futebol	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Basquetebol	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Natação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Artes marciais (judo, karaté, etc)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Danças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra: indique qual _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ATIVIDADES RELIGIOSAS					
Ir à missa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ir à catequese	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Andar nos escoteiros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra: indique qual _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Atividades realizadas Assinala um X nas opções que se verificarem	Todos os dias	Mais do que uma vez por semana	Uma vez por semana	Só aos fins-de-semana	Nunca
ATIVIDADES EM FAMÍLIA					
Fazer passeios, caminhadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Almoços e jantares em família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conhecer locais novos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Realizar tarefas em conjunto (estudar; fazer o TPC; falar sobre os teus problemas);	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra:indique qual_____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ATIVIDADES DE LAZER					
Navegar na internet	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Frequentar redes sociais (facebook, twitter)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jogar jogos de video	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ler (livros, jornais, revistas)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ver televisão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ir ao cinema	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra:indique qual_____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.4. **Com quem** costumás sair à noite?

- Familiares
- Amigos
- Outro/s: indica quem:_____

4.5. Com que frequência realizas as seguintes **atividades à noite**?

Atividades realizadas Assinala um X nas opções que se verificarem	Sempre	Frequentemente	Raramente	Nunca
Ir a bares ou discotecas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ir ao cinema ou teatro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Namorar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversar com os amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra/s. Indica qual/quais: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.6. A **horas é que te costumavas deitar?**

4.6.1. Durante o período de aulas? _____

4.6.2. Ao fim-de-semana? _____

4.6.3. Nas férias escolares? _____

4.7. Com que frequência é que **já experimentaste** algum dos seguintes **consumos?**

Consumos/frequência Assinala um X nas opções que se verificarem	Todos os dias	Mais do que uma vez por semana	Uma vez por semana	Só aos fins-de-semana	Nunca
<u>Tabaco</u> Com que idade experimentaste/iniciaste?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<u>Bebidas alcoólicas</u> Com que idade experimentaste/iniciaste?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<u>Outras drogas</u> Com que idade experimentaste/iniciaste?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<u>Outras:</u> Indica qual/quais: Com que idade experimentaste/iniciaste?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.8. Habitualmente, em que os **locais acontecem os consumos** assinalados no quadro anteriores?

Consumos/frequência	Casa	Café	Bares/ discotecas	Escola
<u>Tabaco</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<u>Bebidas alcoólicas</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<u>Outras drogas</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<u>Outras:</u> Indica qual/quais:	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.9. Consideras que o sob o consumo das referidas substâncias tens mais tendência a envolveres-te em brigas e agressões com outras pessoas?

☐ Não ☐ Sim

4.9.1. Se sim, explica porquê: _____

4.10. Consumiste álcool ou drogas nos últimos 12 meses?

☐ Não Sim ☐

4.11. Consideras que tens um estilo de vida saudável?

☐ Não Sim ☐

4.11.1. Se não, explica porquê: _____

4.12. Quantas refeições fazes por dia?

☐ Uma ☐ Duas ☐ Três ☐ Quatro ou mais

4.13. Que alimentos costumás comer nas seguintes refeições?

Pequeno almoço: _____

Meio da manhã: _____

Almoço: _____

Lanche: _____

Jantar: _____

4.13.1. Costumas comer sopa durante as principais refeições?

☐ Não Sim ☐

4.14. No que respeita ao **teu estado de saúde**, como classificas os seguintes aspetos?

Estado de Saúde Assinala um X nas opções que se verificarem	Sempre	Frequentemente	Raramente	Nunca
Problemas de <u>saúde física</u> Indica qual/quais: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Problema de <u>saúde mental</u> Indica qual/quais: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ficar Doente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Precisar de ir ao médico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Precisar tomar medicação Indica qual/quais: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.15. Como classificas o teu **peso**?

- Estou acima do peso indicado. Indica qual: _____
- Estou abaixo do peso indicado. Indica qual: _____
- Estou bem como estou. Indica qual: _____

4.16. Com que frequência é que costumavas ingerir os seguintes **alimentos**?

Alimentos Assinala um X nas opções que se verificarem	Sempre	Frequentemente	Raramente	Nunca
Legumes, vegetais e fruta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Carne	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Peixe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Batatas fritas, congelados e enlatados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Doces, chocolates, gelados, gomas, crepes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.17. Normalmente, durante a refeição o que costumavas beber?

- Água
- Sumos com gás (coca-cola, pepsi, sumol)
- Sumos naturais (compal, etc)
- Outro: indique qual _____

4.18. Indica em que medida concordas ou não com as seguintes afirmações:

Afirmações Assinala um X nas opções que se verificarem	Sempre	Frequentemente	Raramente	Nunca
Estou satisfeito/a com a minha aparência física	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto-me sozinho/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não gosto de fazer desporto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto que ninguém me compreende	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto que tenho muitas qualidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Não costumo fazer projetos para o futuro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

5. COMPORTAMENTOS E DELITOS

5.1. Lê atentamente a lista que se segue, e em seguida, responde: Em que medida **estiveste envolvido/a, ou tenhas praticado algum desses comportamentos, durante os últimos 12 meses?**

Deverás inserir um [x] nas opções que se verificarem.

Comportamentos	Nunca	Uma vez	Duas ou três vezes	Quatro vezes ou mais
Faltar ao respeito ou até agredir professores e funcionários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Faltar constantemente às aulas, reprovar por faltas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fugas de casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ser suspenso ou expulso da escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fazer piratagem de filmes, músicas ou outros documentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Danificar intencionalmente objectos de outrem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Envolvimento em luta/pancadaria na rua, escola, casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Forçar a entrada em propriedades privadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Envolvimento num grupo de amigos que se juntem para ameaçar, agredir outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Venda de algum tipo de material roubado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uso de armas ilegais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tráfico/ venda de drogas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Prática de algum tipo de furto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Prática de algum tipo de roubo (assaltos a lojas, casas, carteiras)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Muito obrigada pela tua colaboração!!!

Pedido de colaboração à Câmara Municipal de Ponte de Lima

Exmo. Sr. _____ No âmbito da investigação inserido no Mestrado em Psicologia Jurídica da Universidade Fernando Pessoa, intitulada “Estilos de vida dos adolescentes nos seus comportamentos desviantes e/ou delinquentes” vimos por este meio pedir a sua colaboração neste estudo de forma a recolher informações junto da população jovem de Ponte de Lima. O objetivo principal deste estudo é analisar de que forma é que os estilos de vida/ocupação dos tempos livres interferem ou não com os comportamentos desviantes/delinquentes dos jovens, desta forma será necessário aplicar um questionário de forma a recolher os dados a jovens com idades compreendidas entre os 15 aos 25 anos de idade. Desta forma se aceita colaborar ou não no estudo deve riscar a palavra que não se identifica.

Eu _____
_____ aceito/não
aceito colaborar no estudo.

Esperando que este projeto seja do vosso interesse, ficamos a aguardar, de forma otimista, breve resposta por parte de V.^a Ex.^a.

Com os melhores cumprimentos,

O investigador: Ana Martins.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Designação do Estudo (em português):

Eu, abaixo-assinado, (nome completo do participante no estudo) -----

-----, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/____/20__

Assinatura do participante no projecto: _____

O Investigador responsável:

Nome:

Assinatura:

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO AOS PAIS

Estudo (Designação) _____

Eu, _____, abaixo- assinado, compreendi a informação que me foi fornecida acerca da participação do meu educando na investigação. Foi-me informado que este estudo insere-se no tema Estilos de vida dos adolescentes na delinquência juvenil, onde autorizo a participação do mesmo. Foi-me dado a oportunidade tirar dúvidas que julguei necessárias de forma satisfatória. A informação que me foi prestada versou os objetivos, o enquadramento, bem como a metodologia a utilizar neste programa. Além disso, fui informado(a) de que tenho o direito de recusar a participação do meu educando a qualquer momento no programa, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal assim como os dados que são por mim fornecidos serão confidenciais. Assim, aceito participação do meu educando no programa referido.

Assinatura do Encarregado de Educação: _____

Data: ____/____/2015

Os investigadores responsáveis:

Nome: _____ Assinatura: _____